



FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA -

Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário

Estágio Pedagógico

Relatório Final de Estágio

JOÃO PEDRO CORREIA DE ALMEIDA

Nº 2006023028

COIMBRA

2011



FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA -

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório Final de Estágio

Escola E.B.2,3 Martim de Freitas – Coimbra

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Dra. **Elsa Silva** e co-orientação do Professor **Nuno Barroso**.

JOÃO PEDRO CORREIA DE ALMEIDA

Nº 2006023028

COIMBRA

2011

Esta obra deve ser citada como – Almeida, João (2011). Relatório Final de Estágio. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Resumo

A elaboração deste relatório final de estágio insere-se na unidade curricular Estágio Pedagógico e Relatório de Estágio, do quarto semestre do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Estágio Pedagógico foi realizado na Escola E.B. 2.3 Martim de Freitas de Coimbra, ao longo do ano lectivo 2010/2011, e apresentava como objectivo favorecer a integração dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo dos três anos de formação inicial e durante o primeiro e segundo semestre do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, através duma prática docente em situação real e orientada, de forma a profissionalizar docentes de Educação Física competentes e adequadamente preparados para a profissão.

O presente relatório visa a descrição e reflexão por parte do aluno estagiário, sobre todo o trabalho desenvolvido ao longo do estágio pedagógico e as vivências que este lhe proporcionou, pois como é descrito ao longo do trabalho, o professor só evoluiu se reflectir sobre as suas acções. Ao longo do relatório serão descritas as diversas reflexões realizadas pelo estagiário ao longo do ano sobre a sua acção, estas que lhe permitiram evoluir na sua capacidade e qualidade de intervenção.

A análise e reflexão sobre este ano de formação permite formular diversas conclusões e retirar informações se podem mostrar bastante úteis para uma futura acção no âmbito do ensino.

O constante compromisso para com as aprendizagens dos alunos e para com o meio escolar assumiu-se como uma prioridade no decorrer deste ano lectivo, levando a uma enorme evolução da capacidade de intervenção a nível pedagógico e de intervenção nas actividades e compromissos com o meio escolar. Esta evolução permite-nos afirmar que a profissionalização do estagiário é contínua e não incide apenas na intervenção pedagógica, mas também ao nível da comunidade escolar.

Ao longo deste relatório perceberemos também a importância de o estagiário apresentar uma constante e correcta ética - profissional, dado se tratar de uma característica fundamental para o desenvolvimento da profissão docente.

Abstract

This paper constitutes an elaboration of the Pedagogical Internship in the fourth semester of the Masters Degree in Middle and Secondary Physical Education in Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física in Universidade de Coimbra.

The Internship was completed in Escola E.B. 2.3 Martim de Freitas in Coimbra, during 2010/2011 academic year, with the main objective of integrating the theoretical knowledge acquired throughout the three years of the initial studies and the first and second semesters in the Masters Degree in Middle and secondary Physical Education, through a practice of actual and planned situations, so one can be adequately prepared for a future teaching profession.

The present thesis is intended to describe the intern's reflexion over her work and actual experiences during the internship, as it is described throughout this project the importance of a teacher's reflexions upon their actions and experiences. The intern also focuses on her different functions and diverse views, during that year, that allowed her to develop a more capable and qualitative intervention.

The analysis and reflexion of this year has permitted one to also formulate conclusions and retain knowledge crucial for a future teaching environment.

The constant commitment in the development of learning abilities of the students and teaching environment has revealed to be a major priority during this internship/year, which consequently will allow one to develop a greater capacity of intervention at a pedagogical level and at the development of activities and goals in a school environment.

This progress allows one to affirm that the acquiring of professionalism is a continuous process that not only coincides with the pedagogical intervention but also with the school community.

Also, throughout this paper, one will understand the fundamental characteristic in the development of this profession is to present a constant ethical and professional conduct.

Índice

Introdução.....	1
Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio.....	3
Actividades desenvolvidas	4
Planeamento	4
Plano Anual	6
Unidade Didáctica	8
Unidade Temática.....	11
Plano de Aula	12
Realização.....	13
Instrução	14
Clima/Disciplina.....	16
Gestão	18
Avaliação.....	20
Avaliação Diagnóstica.....	21
Avaliação Formativa.....	22
Avaliação Sumativa.....	23
Componente ético-profissional.....	25
Justificação das opções tomadas.....	27
Aprendizagens realizadas como estagiário.....	30
Compromisso com as aprendizagens dos alunos.....	34
Inovação nas práticas pedagógicas	35
Dificuldades sentidas e formas de resolução	37
Dificuldades a resolver no futuro ou formação contínua	39
Capacidade de iniciativa e responsabilidade	40
Importância do trabalho individual e de grupo.....	41

Questões dilemáticas	43
Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar	46
Prática pedagógica supervisionada.....	47
Experiência pessoal e profissional.....	49
Bibliografia.....	51

“O estágio surge como uma componente fundamental do processo de formação do aluno estagiário, pois é a forma de fazer a transição de aluno para professor "aluno de tantos anos descobre-se no lugar de professor" Machado (1999), e a melhor forma de adaptação à nova realidade que irão encontrar no futuro, na medida em que, esta fase de iniciação decorre sobre o apoio de outros professores, nomeadamente, o supervisor e o professor cooperante que têm como objectivo fundamental, ajudar o aluno estagiário aplicar o conhecimento adquirido ou que está a construir, e também, ajudá-lo a encontrar as soluções mais adequadas para os problemas com que se depara no processo ensino/aprendizagem.”

Francisco, Carlos Manuel (2001)

Introdução

A elaboração deste relatório final de estágio insere-se na unidade curricular Estágio Pedagógico e Relatório de Estágio, do quarto semestre do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Segundo Carreiro da Costa (1995), a qualidade de ensino influencia em grande parte o êxito nas aprendizagens escolares por parte dos alunos, ou seja, a aprendizagem dos alunos depende da capacidade do professor criar condições de sucesso aos alunos.

Assim, mostra-se de grande importância que um professor, desde a sua formação inicial, adquira às máximas competências e qualidades sobre o processo de ensino-aprendizagem, de forma a garantir a aprendizagem dos alunos.

De modo a garantir a qualidade de ensino, mostrasse necessário que haja uma contínua reflexão sobre a acção pedagógica, percebendo assim, quais as razões dos sucessos e insucessos sucedidos. Segundo Stenhouse, L. (2004), de modo a que a investigação do professor seja útil, é necessário que estes comprovem nas suas aulas as suas implicações teóricas. O autor refere mesmo que as aulas são os laboratórios onde os professores-investigadores podem comprovar as teorias educativas. Também Siedentop, D. (1998), refere que os professores devem reflectir sobre as suas práticas docentes e sobre os efeitos que estas produzem nos alunos.

Assim, e dado o Estágio Pedagógico ser, para a grande maioria dos alunos estagiários, o momento de uma longa formação contínua em que o aluno transita para professor, contactando assim pela primeira vez com a realidade do ensino em meio escolar, mostra-se de extrema importância realizar uma reflexão global sobre todo o trabalho desenvolvido durante o período de estágio. Dewey, citado por Zeichner, K. (1993), define a acção reflexiva como sendo “a acção de implica um consideração activa, persistente e cuidadosa daquilo em que se acredita ou que se pratica, à luz dos motivos que o justificam e das consequências a que conduz” e afirma que se trata de “uma maneira de encarar e responder aos problemas, uma maneira de ser professor”.

A elaboração deste relatório final apresenta então como objectivo principal, a realização de uma auto-reflexão por parte do professor estagiário, sobre todas as actividades desenvolvidas pelo mesmo ao longo desta etapa de formação profissional, que é o Estágio Pedagógico.

Ao longo deste documento serão apresentadas as expectativas iniciais do professor estagiário, relativamente ao ano de estágio pedagógico, e serão descritas todas as tarefas realizadas individualmente e pelo grupo. Serão ainda apresentadas reflexões sobre as aprendizagens realizadas como estagiário, os compromissos com as aprendizagens dos alunos, as práticas pedagógicas, as dificuldades sentidas e formas de resolução, as dificuldades a resolver no futuro, a capacidade de iniciativa e responsabilidade, a importância do trabalho individual e de grupo e as questões dilemáticas.

Neste relatório será ainda realizada uma análise referentes à formação inicial, onde será criticado o impacto do Estágio na realidade do contexto escolar, a prática pedagógica supervisionada e a experiência pessoal e profissional.

Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio

A etapa do estágio pedagógico é, na minha opinião, a etapa mais importante da minha formação académica, uma vez que vou estar pela primeira vez em pleno contacto com a realidade escolar e com a responsabilidade de desempenhar o papel de um professor de Educação Física. Seguindo o referido por Tardiff, J. e Faucher, C. (2010), será através do estágio pedagógico que iremos desenvolver e adquirir as competências para sermos futuros profissionais, iniciaremos a aquisição da cultura profissional, bem como construiremos a nossa identidade profissional.

As expectativas iniciais relativas ao estágio pedagógico são inúmeras e prendem-se por isso com diversos âmbitos. Em primeiro lugar espero, ao longo deste ano lectivo, aprender como realmente se relaciona o conhecimento teórico adquirido ao longo dos anos de formação, sobretudo o conhecimento adquirido no primeiro ano do Mestrado em Ensino da Educação Física, e a realidade escolar. Espero perceber como devo lidar com os diversos alunos, perante as diversas situações que forem surgindo, de forma a garantir a aprendizagem dos mesmos e sendo sempre pedagogicamente correcto. Vou procurar perceber como lidar com os alunos, tanto individualmente como em grupo, técnicas de os cativar para a aula, formas de os ensinar e educar, modos de os chamar à atenção, repreender e congratular em ambiente de aula.

Ainda em relação ao próprio ensino da Educação Física, pretendo aumentar bastante o meu conhecimento nas diversas matérias, de modo a conseguir ensinar os alunos de forma correcta, mais propriamente naquelas modalidades em que apresento algumas fragilidades. Procurarei ainda aprender muitas técnicas de ensino, exercícios e progressões pedagógicas nas diversas modalidades, através da observação de aulas e consulta bibliográfica, achando por isso que a responsabilidade de garantir a aprendizagem dos alunos vai contribuir muito para a minha formação individual.

A realização de todo o planeamento anual, o planeamento das próprias aulas, selecção das estratégias de ensino a aplicar consoante os conteúdos e as características da turma, as tomadas de decisão perante acontecimentos imprevisíveis, necessidade de apresentar o máximo conhecimento a qualquer momento, o contacto directo e permanente com os alunos, entre outros pontos, será um grande desafio que certamente me fará evoluir bastante e aumentar os mesmos conhecimentos.

Ao longo do ano de estágio, ao estar inserido na comunidade escolar, pretendo ainda perceber melhor todo o funcionamento de uma escola, tanto ao nível da sua organização interna, como as respectivas funções de cada cargo/grupos, sobretudo dentro do grupo de Educação Física. Pretendo por isso perceber todo o modo de funcionamento do grupo de Educação Física, aprendendo a desenvolver e realizar todos os documentos e actividades inerentes à disciplina.

Em suma, procurarei aprender ao máximo sobre tudo o que diz respeito ao planeamento, realização e avaliação lectiva, perceber o modo do funcionamento interno da escola e quais as responsabilidades dos diversos cargos/grupos disciplinares, sobretudo do grupo de Educação Física onde me insiro, de forma a me poder tornar num profissional.

Actividades desenvolvidas

Ao longo do Estágio Pedagógico, todo o trabalho realizado durante o ano lectivo e direccionado para uma turma, permitiu desenvolver diversas competências inerentes a todo o processo de ensino-aprendizagem.

O desenvolvimento e concretização de todo este trabalho permitiu colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos anteriormente, estes que claro, tiveram de ser ajustados às situações que surgiram, à realidade escolar e à turma.

Assim, e de modo a descrever as actividades realizadas, serão apresentados quatro âmbitos, sendo eles: planeamento, realização, avaliação e componente ético-profissional.

Planeamento

“Os trabalhos de planeamento do professor de Educação Física relacionam a direcção essencial das exigências e conteúdos programáticos com a situação pedagógica concreta. Isto implica o jogo conjunto das indicações programáticas (pré-planeamento central) e das condições e acções (locais) que as prolongam e concretizam. Este ajustamento das indicações centrais à situação concreta é necessário em todas as circunstâncias, tanto mais que as condições de cada escola – e mesmo no interior da mesma escola – são bem distintas (qualificação e empenhamento

dos professores, estado de rendimento e comportamento dos alunos, nível e domínios da prática desportiva extralectiva e extra-escolar, condições materiais e até climatéricas e territoriais).”

Bento, A. (2003)

Foi baseado no referido em cima por Bento, A. (2003), que toda a documentação referente ao planeamento foi elaborada durante o ano lectivo. Todos os documentos foram produzidos, podendo mesmo ser adaptados à reacção da população ou indivíduos, aos quais eram direccionados.

Bossle (2002) citado por Ilha, F.; Marques, M.; Krug, H. (2009), parte do princípio de que planeamento se refere ao “processo de reflexão, racionalização, organização e coordenação da acção docente, que visa articular a actividade escolar e a problemática do contexto social”.

Segundo Bento, A. (2003), planificar a educação e a formação significa “planear todas as componentes do processo ensino e aprendizagem no diferentes níveis da sua realização” pois, como o autor defende, “não é possível – e também não é necessária - a apreensão num único plano de todos os aspectos da Educação Física e da diversidade de condições e contextos.”

Tendo em conta o referido pelo autor, e de modo a adequar as informações presentes em cada planeamento aos diversos momentos do ano e níveis de preparação do ensino, foram elaborados diversos documentos segundo três níveis de planeamento, sobre uma lógica progressiva, do mais abrangente para o mais específico.

Primeiro, e no nível mais abrangente, foi construído o plano anual. Num segundo nível foram elaboradas as unidades didácticas e as unidades temáticas referentes às diversas modalidades que iriam ser abordadas, e, no terceiro nível de planeamento, foram elaborados os planos de aula.

A elaboração destes diversos planeamentos, tinham um objectivo comum: a adequação do processo de Ensino-Aprendizagem às condições com que nos fomos deparando.

Em seguida, são apresentados os aspectos considerados mais relevantes relativos às diferentes fases do planeamento – Planeamento Anual, Unidades Didácticas, Unidades Temáticas e Planos de Aula.

Plano Anual

Segundo Bento, A. (2003), “a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objectivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexão e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano lectivo.” O autor caracteriza ainda o plano anual como um plano de perspectiva global, que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas, ou seja, “trata-se de traçar e realizar um plano global, integral e realista de intervenção educativa para um período lato de tempo”, a partir do qual “se definem e estipulam pontos e momentos nucleares, e acentuações do conteúdo”.

O plano anual é assim considerado como a unidade estrutural do processo de ensino-aprendizagem que será desenvolvido durante o ano lectivo. Este documento revela-se como um documento fundamental de apoio e orientação ao professor, pois é nele que o professor tem definidas as linhas gerais orientadoras do processo ensino-aprendizagem da turma ao longo do ano lectivo e estabelece uma sequência lógica de actuação.

No início do ano lectivo, foi-nos proposta a realização do plano anual referente à turma a que iríamos leccionar as aulas, durante o ano de estágio. Assim, foi elaborado um plano anual onde foram desenvolvidos os seguintes âmbitos: objectivos do plano anual; caracterização da escola; as competências a desenvolver; plano anual da turma; caracterização de turma; avaliação; perfil do aluno; estratégias de aprendizagem; e actividades propostas para a turma.

No primeiro ponto desenvolvido no plano anual, foram enumerados os objectivos da realização deste documento, de modo a dar a conhecer ao professor os objectivos da elaboração do mesmo.

O segundo ponto do plano anual, a caracterização da escola, mostrou-se como um ponto de extrema importância, dado permitir ao professor conhecer não só todo o contexto social, cultural e económico em que a escola está inserida, como também conhecer a caracterização da população escolar, a caracterização física da própria escola, os horários dos diversos serviços prestados pela mesma, os equipamentos desportivos existentes e o plano anual de actividades. Relativamente às informações conseguidas ao nível do contexto histórico da escola, da sua localização geográfica,

caracterização e constituição da população escolar e sobre os horários dos diversos serviços, estas visam dar ao professor um conhecimento mais aprofundado da escola e dos seus intervenientes. Já no que se refere à informação conseguida através da caracterização física da escola, equipamentos desportivos existentes e plano anual de actividades, esta mostra-se de enorme importância, dado serem pontos decisivos no planeamento de todo o processo de ensino-aprendizagem. No caso da disciplina de Educação Física, o conhecimento dos espaços físicos destinados à leccionação da disciplina, do material desportivo existente e respectiva distribuição pelos espaços de aula, são dos aspectos mais relevantes na elaboração do plano anual, pois é a partir da sua conjugação com o plano anual e sistema de rotação por espaços de aula, que se estrutura todo o planeamento e estratégias de ensino a aplicar.

As competências foram o terceiro ponto desenvolvido no plano anual. Neste ponto do plano anual são definidas as competências a desenvolver pelos alunos ao longo do ano lectivo, estando estas apresentadas em dois níveis: as competências comuns a todas as áreas e a todos os anos de escolaridade e as competências por área (neste caso da disciplina de Educação Física).

O quarto ponto apresentado no plano anual foi o plano anual de turma. A elaboração deste item do plano anual compreendeu as informações relativas ao plano de actividades da escola, as matérias a leccionar nos respectivos espaços de aula (definido pelo grupo de Educação Física) e o sistema de rotação por espaços de aula. O plano anual de turma contempla as seguintes informações: número das aulas e os dias em que as mesmas serão leccionadas, estão definidos as aulas correspondentes a cada período, espaço onde as aulas serão leccionadas, as modalidades a abordar em cada aula, actividades que a turma irá realizar e os momentos de avaliação. O sistema de rotação pelos espaços de aula, de quatro em quatro semanas, permite definir o momento de leccionação das diversas unidades temáticas ao longo do ano.

Em seguida foi elaborado uma caracterização da turma, agora com o objectivo de se conhecer, de um modo mais pormenorizado, os diversos alunos que constituem a turma. Esta caracterização permite ao professor conhecer de um modo mais individualizado cada aluno, o que lhe permite actuar de um modo mais eficaz e adequado em possíveis problemas que possam surgir, definir as estratégia a adoptar e, caso seja necessário, individualizar o ensino para algum aluno que apresente

dificuldades excessivas. Para a elaboração deste item e de modo a recolher as informações necessárias, além dos dados fornecidos pelo director de turma, foi realizado, na primeira aula do ano lectivo, um inquérito individual. Os aspectos analisados incidiram sobre a progressão escolar dos alunos, a situação familiar, problemas de saúde, ocupação nos tempos livres e considerações dos alunos relativamente à própria disciplina de Educação Física.

O sexto ponto desenvolvido prendeu-se com a avaliação da disciplina. Aqui são descritos os três tipos de avaliação a realizar, diagnóstica, formativa e sumativa, é definida toda avaliação dos alunos com e sem atestado médico, a metodologia de registo e os critérios de avaliação, neste caso do terceiro ciclo. Este ponto da avaliação apresenta ainda um relatório das avaliações iniciais realizadas, este que se mostrará indispensável para o planeamento das matérias a abordar ao longo do ano.

O sétimo ponto recai sobre a caracterização do perfil do aluno. Esta caracterização do perfil do aluno foi definida pelo grupo da disciplina e descreve os diversos comportamentos a apresentar pelo mesmo em cada nível de classificação (do nível um ao cinco). Importa referir que a caracterização dos alunos nos diversos níveis tem em conta os três domínios dos objectivos comportamentais terminais.

Em seguida foram delineadas as estratégias de ensino a utilizar ao longo do ano, consoante as unidades didácticas em questão. Neste ponto foi considerado relevante definir as estratégias a utilizar nas diversas fases da aula, tendo sido descritos os diversos comportamentos e acções a ter em conta em cada uma delas.

O oitavo e último ponto desenvolvido no plano anual da turma incide nas actividades propostas para a turma no decorrente ano lectivo.

Unidade Didáctica

Segundo Siedentop, D (1998), como indicam a maioria das investigações sobre a planificação dos professores, todos os professores eficazes realizam um forte trabalho na preparação e elaboração de unidades de ensino. O autor refere que qualquer que seja o nível de competência de um professor, considerando-se o próprio dependente ou não de planificação, todos eles passam por uma fase de planificação intensa quando criam unidades de ensino pela primeira vez, continuando mesmo a melhorá-las segundo as suas experiencias de ensino.

Bento, J. (1987), refere que “de acordo com as indicações do programa, o plano anual subdivide-se em períodos, com diferentes unidade de matéria”. É neste âmbito, de abordagem de diferentes matérias e em períodos específicos, que surge a elaboração das diversas unidades didácticas. O autor afirma ainda que estes documentos são partes essenciais do programa de uma disciplina, dado constituírem “*unidades fundamentais e integrais*” do processo pedagógico e apresentarem ao professor e alunos as diversas etapas de ensino e aprendizagem.

A elaboração deste documento visa o planeamento específico de todo o processo de ensino-aprendizagem de uma determinada modalidade, de modo a que sejam desenvolvidos e alcançados os objectivos pretendidos. Assim, a abordagem dos diversos conteúdos das modalidades que pretendemos que os alunos desenvolvam na unidade didáctica são planeados de modo sistematizado. É importante referir que se trata de um documento flexível, ou seja, que permite ser ajustado às evoluções apresentadas pelos alunos ou outras situações que possam surgir.

Analisando a estrutura da unidade didáctica, numa fase inicial, é apresentada uma abordagem histórica da modalidade, as características da modalidade, as regras e os conteúdos técnicos e tácticos (estes apenas em modalidade colectivas).

Em seguida, são apresentados os recursos disponíveis para a abordagem da modalidade, estes que apresentam os seguintes âmbitos: recursos materiais, recursos espaciais, recursos humanos e recursos temporais. Todos estes recursos específicos da modalidade são parte integrante da unidade didáctica, mostrando-se de grande importância para o restante planeamento, pois é através da sua conjugação com os objectivos a desenvolver pelos alunos, que o professor irá definir o restante planeamento da modalidade.

De modo a o professor poder definir os objectivos específicos e gerais da modalidade a desenvolver pelos alunos, informação integrada na unidade didáctica, este recorrerá ao relatório da avaliação inicial da modalidade em questão, pois é neste que perceberá o nível que a turma apresenta e o qual ponto de partida.

Após a definição dos objectivos, é apresentado no documento um conjunto de progressões pedagógicas, possíveis de aplicar nas aulas, para o desenvolvimento dos diversos conteúdos. É devido a este tipo de informação implícita na unidade didáctica que Siedentop, D. (1998) refere que quando um professor ensina uma actividade onde

apresenta um menor à vontade, dado os seus conhecimentos sobre a mesma, se mostram mais dependente da sua planificação.

A seguir ao leque de progressões pedagógicas, é apresentada a avaliação da modalidade, onde são descritos os três tipos de avaliação, inicial, formativa e sumativa, e são definidos os critérios de avaliação prática. Neste âmbito da avaliação é incluído ainda o relatório da avaliação inicial.

Considerando todas as informações referidas até ao momento, mostra-se possível ao professor elaborar a extensão e sequência de conteúdos por aula, planificação que facilitará ao professor a posterior elaboração dos planos de aula. É importante lembrar mais uma vez a flexibilidade que este tipo de documento deve apresentar pois, apesar de pré definidos todos estes aspectos, existem parâmetros que podem necessitar de ser reajustados consoante a evolução dos alunos ou a ocorrência de determinados problemas impossíveis de prever, como as condições climatéricas, a não leccionação de determinadas aulas, entre outras hipóteses. Mostra-se assim necessário que o professor apresente uma boa capacidade de reflexão, análise e ajustamento. Neste ponto da unidade didáctica, dada a definição de matérias por espaço de aula e o seu sistema de rotação, é possível observar que a leccionação das modalidades é realizada em dois momentos distintos, formados por dois períodos de quatro semanas, estes que constituem as respectivas unidade temáticas.

Embora no plano anual estejam já definidas algumas estratégias de ensino, nas unidades didácticas estas também são definidas, embora agora de um modo mais específico em relação à modalidade envolvida.

Seguindo o conceito de “professor-investigador” de Stenhouse (2004), também a concretização deste documento, após ser realizado na prática, deve ser submetido a uma reflexão crítica, esta que é apresentada no final do documento, como um balanço à planificação e trabalho desenvolvido. Neste âmbito são apresentados os seguintes pontos: balanço da unidade didáctica, análise das decisões de ajustamento, avaliação inicial vs avaliação final e estratégias adoptadas/dificuldades encontradas.

É segundo estes pontos que é analisada a colocação em prática do planeamento, são apresentadas as justificações das tomadas de decisão e ajustamentos, e analisado o desempenho do professor e alunos.

Unidade Temática

Como já referido no ponto anterior, ainda que de modo sucinto, a elaboração das unidades temáticas deveu-se à leccionação das aulas em multi-matérias e ao sistema de rotação pelos diversos espaços de aula destinados à disciplina. Assim, cada unidade temática envolveu um período de quatro semanas, onde eram abordadas as matérias definidas para o espaço em questão.

Na elaboração deste documento, toda a planificação é baseada na última avaliação realizada relativamente às matérias que iram ser abordadas e ainda em alguns aspectos observados na unidade temática anteriormente leccionada, que consideremos relevantes a ter em conta na planificação, como normas de trabalho, empenho e comportamento dos alunos.

Analisando a estrutura deste documento, este apresenta uma introdução onde é feita uma análise ao espaço de aula, matérias a abordar, momento em que decorrerá a respectiva unidade temática e número de aulas que serão leccionadas. Em seguida são apresentados os objectivos definidos, num âmbito geral e específico de cada modalidade, a partir dos quais são posteriormente planificadas as aulas para as quatro semanas, sendo apresentados os conteúdos a abordar em cada uma.

Como em todas as acções do professor, após a concretização da unidade temática é realizado um balanço sobre toda a sua planificação e ajustamentos, caso tenha existido a necessidade de os realizar. Este balanço permite ao professor ao professor perceber se os objectivos traçados foram alcançados e ainda reflectir sobre todas as suas tomadas de decisão envolvidas na unidade temática, desde o seu momento de planeamento até ao seu término, de modo a continuar a evoluir como profissional e melhorando as futuras aulas leccionadas.

No final de todas as unidades temáticas é ainda elaborado um relatório das avaliações sumativas dos alunos, de modo a perceber a sua evolução, as maiores dificuldades e facilidades, o que por sua vez permitirá fazer uma análise a todo o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido neste período, procurando perceber as razões dos maiores sucessos ou insucessos dos alunos.

A realização da unidade temática e do respectivo balanço complementa a planificação das unidades didácticas em causa, permitindo reajustar em caso de necessidade.

Em suma, a elaboração de unidades temáticas apresenta uma enorme importância em sistemas de ensino onde as modalidades são abordadas segundo períodos distintos e curtos, pois não só permite uma orientação mais precisa do professor como permite que este controle melhor as aprendizagens dos alunos e o seu desempenho, aspectos estes que visam sempre garantir a melhor qualidade possível do ensino.

Plano de Aula

O plano de aula, embora esteja inserido no nível mais baixo de planeamento, não significa que se trate de um documento de menor importância, exigindo por isso grande dedicação nos momentos de sua elaboração. Bento, J. (1987), refere que “as aulas exigem uma boa preparação”. O autor refere mesmo que o planeamento de uma boa aula é importante, pois trata-se do ponto de convergência entre o pensamento e a acção do professor.

Assim, logo desde o início do ano foi adoptado um plano de aula que apresentava o planeamento dos seguintes pontos: objectivos de aula, recursos materiais, a gestão do tempo de aula, as tarefas planeadas e critérios de êxito de cada uma, organização dos alunos em cada momento de aula e as componentes críticas e estilo de ensino a utilizar. A presença destas informações anteriormente referidas permitem ao professor ter um maior controlo sobre a aula e sobre a instrução aos alunos.

Tendo em vista a possibilidade de concretização, os objectivos a desenvolver e o compromisso para com as aprendizagens dos alunos, o planeamento da aula, aquando da sua elaboração, tem em conta as diversas informações cedias nos documentos anteriormente descritos.

Aquando do planeamento de uma aula, foi sempre procurado estruturar uma aula em que os alunos tivessem o máximo de tempo de empenhamento motor possível e sempre acompanhado de um bom potencial de aprendizagem, ou seja, através da exercitação de tarefas dinâmicas e adequadas ao nível dos alunos e ao objectivo de aula. Foram então sempre planeadas as diversas tarefas para cada momento de aula, parte inicial, fundamental e final, respectivamente.

Relativamente à planificação dos exercícios de aula, foi procurado criar sempre tarefas que levassem os alunos a desenvolver os conteúdos pretendidos e que fossem, ao

máximo, ao encontro do interesse dos alunos, de modo a garantir a exercitação da tarefa, o bom clima de aula e o gosto dos mesmos pela actividade física.

Importa ainda referir que se trata de mais um documento orientador do professor, devendo por isso apresentar uma boa flexibilidade de adaptação aquando da sua concretização. No momento da leccionação da aula ou mesmo durante a aula, o professor poderá sentir a necessidade de reajustar o planeamento às necessidades dos alunos ou a qualquer imprevisto que tenha surgido.

Tal como todos os outros planeamentos elaborados sobre o processo de ensino-aprendizagem, também o plano de aula, após a sua concretização, era alvo de análise. Esta análise era conseguida através de uma conversa reflexiva, entre o professor estagiário, professor orientador de escola e colegas que estágio que tenham assistido à aula, e expresso em forma de relatório escrito, completando assim o planeamento de aula. Mais uma vez esta reflexão visou a evolução do professor estagiário, de modo a que este conseguisse criar sempre melhores condições de aprendizagem aos alunos.

Realização

A concretização deste ponto que é a realização do processo ensino-aprendizagem mostrou-se, para o estagiário, como o maior desafio do estágio pedagógico. Este facto pode ser justificado pela inexperiência do professor estagiário no campo da intervenção pedagógica e pela responsabilidade que este terá em conduzir o ensino, garantindo as condições para os alunos aprenderem.

Concluído o estágio pedagógico, a realização mostrou-se como um dos elementos do estágio mais importantes para a formação profissional do estagiário, dadas as inúmeras aprendizagens fundamentais que foram adquiridas através da sua concretização. Para o sucesso do desenvolvimento do estagiário no âmbito da realização, contribuiu, de forma crucial, as experiências e *feedbacks* transmitidos pelo professor orientador, e ainda as análises e reflexões conjuntas, entre os estagiários e o professor orientador, sobre as aulas leccionadas. Nestes momentos de reflexão, os âmbitos da “intervenção pedagógica” e “planeamento” eram particularmente discutidos, sendo analisado os pontos positivos e negativos da intervenção do estagiário, bem como eram sugeridas propostas de melhoria para as aulas futuras. De referir também um outro contributo não menos importante para a evolução do estagiário, que foi a utilização de uma grelha de avaliação, por parte do professor orientador, que incidia sobre os diversos

pontos a ter em atenção aquando da intervenção pedagógica. Esta grelha permitia ao estagiário perceber os pontos onde apresentava as menores e maiores competências em aula.

Em seguida, passa-se a apresentar uma análise do ponto “Realização” de acordo com as dimensões de intervenção pedagógica em aula: Instrução, Gestão, Clima e Disciplina. Serão também ainda analisadas as decisões de ajustamento tomadas.

Instrução

“O termo instrução aparece frequentemente confinado às intervenções verbais do professor (treinador) relativas à transmissão de informação, às explicações, directivas, chamadas de atenção, acompanhadas ou não de demonstração. Porém numa definição mais ampla e mais compreensiva, a instrução é melhor entendida, não como uma acção discreta, mas antes como um processo interactivo entre professores (treinadores), alunos (atletas), ao longo do tempo, em torno de um determinado conteúdo, num contexto social concreto.”

(Graça, A. (2006) citando Cohen, Raudenbush & Ball, (2003)
e Kansanen, (2003))

A dimensão instrução mostrou ser um aspecto fundamental a ter em conta aquando da leccionação de uma aula, estando mesmo presente em todo o seu tempo de realização.

No início do estágio pedagógico, foi sentida alguma dificuldade em garantir uma boa qualidade de instrução durante os vários momentos de aula.

Relativamente às instruções nos momentos iniciais e finais das aulas, mais uma vez devido à inexperiência do estagiário, não era conseguido realizar instruções simples e objectivas, sendo transmitidas inúmeras e desnecessárias informações aos alunos, o que levava por sua vez a que o tempo de exercitação fosse mais reduzido. Assim, a evolução por parte do estagiário na capacidade de realização de uma instrução adequada e pertinente, aumentou imenso o potencial de aprendizagem das aulas. Com o avançar do tempo, o à vontade perante a turma foi tornando-se cada vez maior e a capacidade de selecção de informação a transmitir aos alunos também melhorou, o que permitiu

realizar instruções de menor duração, mais precisas e focadas nos aspectos necessários para o bom funcionamento da aula e aprendizagem dos alunos.

No que se refere à instrução durante a parte fundamental da aula, as dificuldades iniciais apresentadas pelo estagiário prendiam-se sobretudo com a pertinência da instrução e com a verificação do efeito causado no aluno (ciclo de feedback). Como refere Graça, A. (2006), “o processo instrucional tem como incumbência específica o desenvolvimento da competência num determinado domínio de conteúdo, que se consubstancia na apropriação de conhecimentos e habilidades e no desenvolvimento de capacidades e disposições ou atitudes relacionados com o conteúdo de instrução”. Bañuelos, F. (1992), refere que mediante a comunicação que se estabelece em todo o processo de ensino, o aluno adquire uma informação, esta que deve servir para ajudar o indivíduo a tomar as decisões correctas sobre o movimento corporal, em função da realização eficiente da tarefa de que se trate. Siedentop, D. (1998), define feedback como informações sobre a resposta a ser usado para modificar a seguinte resposta. Olhando também à definição de feedback apresentada por Shiguno, V.; Pereira, V. (1994), trata-se de “uma informação que se deve prestar ao executante, verbal ou não, após uma prestação motora, cognitiva ou afectiva”. Para o autor a oportunidade de oferecer feedback ao aluno é um dos pontos mais importantes da aula e não recai apenas sobre as acções motoras do aluno.

Assim, e olhando ao referido em cima pelos autores, mostra-se de enorme importância “verificar se o feedback inicial transmitido teve o efeito pretendido (alteração ou manutenção do comportamento) para de novo diagnosticar e prescrever o feedback necessário” (*in documentos de apoio*).

De modo a direccionar o feedback para as aprendizagens dos alunos, foram utilizados em aula, sobretudo feedbacks prescritivos, descritos e interrogativos, ainda que estes últimos com menor regularidade. Através do feedback de questionamento foi procurado que o aluno reflectisse sobre a sua prática, percebendo melhor onde estava o seu sucesso ou insucesso, e verificar a assimilação dos conteúdos transmitidos.

Um outro âmbito de feedback sobre o qual incidiu, de forma regular, a instrução do estagiário, foi o feedback positivo. Este tipo de feedback é definido como “a reacção do professor ao comportamento do aluno de forma aprovativa” (*in documentos de apoio*), e tem implicações sobre as dimensões **Clima**, favorecendo um ambiente de

trabalho positivo, **Gestão**, garantindo a maior disponibilidade e receptividade dos alunos em relação às tarefas e conteúdos, e **Disciplina**, dado contribuir para o maior empenho dos alunos nas tarefas, reduzindo a probabilidade de comportamentos inapropriados (*in documentos de apoio*).

A instrução dos alunos aquando da transmissão de feedbacks foi realizada sob a forma auditiva e visual, ou seja, recorrendo à demonstração. Segundo Bañuelos, F. (1992), o canal visual constitui um meio rápido e directo de dar informação, uma vez que oferece a possibilidade de representar a imagem da acção de forma imediata. O autor refere ainda que a principal vantagem da demonstração se prende com a forma rápida com que é dada a imagem precisa, do que o professor quer que o aluno realize. O autor defende ainda que despendendo o mesmo tempo na instrução, a quantidade de informação que se pode dar de forma verbal é muito inferior àquela que se pode proporcionar através da demonstração. Seguindo a ideia do autor, a demonstração apresenta a vantagem de demonstrar aos alunos o modo de realização do movimento que pretendemos ensinar, ou seja, apresentamos de um modo rápido o seu ritmo normal de execução e as suas respectivas consequências, o que por sua vez permite rentabilizar o tempo de aula. Ao longo das aulas, dado o à vontade sentido nas diversas modalidades abordadas por parte do estagiário e tendo em conta o nível apresentado pelos alunos da turma, a instrução de modo visual foi realizada pelo próprio estagiário, procurando assim que a aprendizagem dos alunos fosse maior. De referir que em alguns momentos foi solicitada a demonstração por parte de um aluno, pois assim mostrava-se possível instruir os restantes alunos, de forma oral, sobre as respectivas componentes críticas ou critérios de êxito do conteúdo a abordar.

Clima/Disciplina

“Os comportamentos desviantes ou de indisciplina parecem figurar entre os que, mais frequentemente, apresentam uma relação negativa com as aprendizagens e com o clima da aula, sendo os comportamentos perturbadores dos alunos percebidos pelos professores como ameaças à criação de um clima pedagógico favorável e, conseqüentemente, às aprendizagens.”

Januário, N.; Rosado, A.; Marques, I. (2006)

Segundo o referido em cima, podemos perceber desde logo a íntima relação que existe entre estas duas dimensões da aula. Uma outra dimensão que também condiciona directamente o clima e a disciplina é a qualidade de instrução de controlo comportamental dos alunos em aula. Januário, N.; Rosado, A.; Marques, I. (2006) baseado em Fenwick, D.T. (1998) e em Fields, B.A. (2000), refere que “a eficácia das instruções de controlo e regulação comportamental, em particular, pode afectar, não só, a qualidade do controlo da classe, uma variável associada à eficácia pedagógica, mas, também, a qualidade da relação interpessoal e a prossecução de objectivos de formação pessoal e social.”

A dimensão clima corresponde aos aspectos de intervenção pedagógica relacionados com as interacções pessoais, relações humanas e ao ambiente da aula, enquanto que a disciplina se prende com os comportamento apropriados e inapropriados apresentados em aula (*in documentos de apoio*).

Estrela (2002) citada por Amado, J.; Freire, I.; Carvalho, E.; & André, M. (2009) refere que “a relação pedagógica, no seu sentido mais restrito, consiste no “contacto interpessoal” que se estabelece, num espaço e num tempo delimitados, no decurso do “acto pedagógico” (portanto, num processo de ensino-aprendizagem), entre professor-aluno-turma (agentes bem determinados) ”.

Segundo Siedentop (1998), “existem muitos professores de Educação Física para quem é suficiente os seus alunos comportarem-se de forma apropriada e estarem divertidos a praticar uma actividade desportiva”. O objectivo destes professores como já dizia Placek (1983) é de “... manter os seus alunos ocupados, felizes e obedientes” (*in documentos de apoio*). Os professores que praticam este tipo de aula, embora consigam um clima bastante agradável para os alunos, não vão ao encontro do objectivo da aula, que é o de ensinar. Olhando mais uma vez ao referido nos documentos de apoio da unidade curricular Didáctica da Educação Física e Desporto Escolar, “uma atitude positiva em relação às actividades físicas só se desenvolve se o aluno as praticar com sucesso e que essa prática lhe seja agradável, num clima de apoio e encorajamento da parte do professor, criando assim o desejo de prosseguir a prática”. Ao longo do ano lectivo, de modo a conjugar o clima de aula com as aprendizagens dos alunos, foram utilizadas inúmeras estratégias a aplicar em aula como o recurso a situações de jogo, criação de tarefas competitivas, registos de número de realizações, entre outras. Ao

garantir o bom clima, foi conseguido que os alunos se empenhassem nas tarefas de aprendizagem propostas, apresentassem um bom relacionamento entre colegas e o estagiário, mostrando-se assim mais receptíveis às instruções do mesmo, sobretudo quando estas incidiam no erro. Amado, J.; Freire, I.; Carvalho, E.; & André, M. (2009) referem que os processos cognitivos e afectivos se interrelacionam e influenciam mutuamente.

Relativamente à disciplina, como refere Sidentop (1998), esta é de grande importância pois os alunos aprendem melhor numa aula disciplinada. Ao longo do ano surgiram algumas situações de indisciplina, mostrando-se por vezes necessário o estagiário alterar um pouco a postura em aula, de modo a fazer perceber aos alunos que não estavam a apresentar comportamentos adequados à aula. Perante os comportamentos desviantes que o estagiário considerou menos graves, este optou por ignorar a acção praticada pelo aluno e concentrar os restantes alunos na sua intervenção, de modo a não interromper o que estava a fazer de momento e tentando que o aluno percebesse que o seu objectivo de chamar à atenção não tinha sido conseguido. Já em relação a comportamentos considerados mais graves, ou seja, que estavam a perturbar a aula, o estagiário recorreu à repreensão oral, questionamento do aluno e, por vezes, ao castigo do aluno em causa.

Ao longo do estágio foram adoptadas algumas estratégias que visavam reduzir as situações de indisciplina como: na formação dos grupos de aula, separação dos alunos que apresentavam maiores desvios de tarefa; boa gestão do tempo de instrução, procurando não realizar prelecções muito extensas; e apresentação de uma instrução objectiva, simples e cativante, de modo a que os alunos prestassem atenção.

Gestão

Segundo indica Santos, M (2007), a perspectiva da interligação entre gestão de sala de aula e disciplina resultou da atribuição do papel central na sala de aula à aprendizagem. Garrahy, Cothran & Kulinna (2005) citado por Santos, M. (2007), considera que a gestão de sala de aula consiste no controlo do comportamento dos alunos, mas no âmbito de uma gama alargada de acções que os professores implementam para garantir um ambiente de aprendizagem de qualidade. Assim podemos perceber que a “gestão de sala de aula tem como objectivo a criação das

condições necessárias à aprendizagem, reservando, no entanto, algum espaço para a intervenção no comportamento inadequado” (Santoso, M., 2007). Santos, M. (2007) refere ainda que esta perspectiva encontra-se nos trabalhos de Martin e seus colaboradores (Martin, 2004; Martin & Baldwin, 1993a, 1993b; Martin, Baldwin & Yin, 1995; Martin & Baldwin, 1996; Martin & Shoho, 1999, 2000; Martin, Yin & Baldwin, 1998), e que estes mesmos autores definem a gestão da sala de aula como todos os esforços por parte dos professores para supervisionar as actividades na sala de aula, incluindo a aprendizagem, a interacção social e o comportamento dos alunos.

Relativamente à gestão do tempo de aula, o estagiário apresentou algumas dificuldades no seu controlo, sobretudo nas primeiras aulas leccionadas. Esta dificuldade prendia-se sobretudo com a má gestão do tempo nos momentos de instrução aos alunos, pois como já referido anteriormente, na dimensão instrução, eram realizadas instruções demasiado longas e com muita informação, levando a que o tempo de exercitação dos alunos fosse mais reduzido e estes não conseguissem reter grande parte da informação transmitida. Esta má gestão do tempo de instrução logo na parte inicial de aula obrigou, por diversas vezes, o estagiário reajustar os tempos planeados para as tarefas de aula, tendo sido normalmente optado por manter o tempo de exercitação das tarefas da parte fundamental e reduzido o tempo dispendido para o aquecimento e instrução final.

Tendo em vista a rentabilização do tempo de aula, foram definidas algumas normas de trabalho e rotinas de aula que visavam a redução do tempo dispendido em momentos como a formação dos grupos de aula, agrupamento junto do professor e transição de tarefas. Também em relação à preparação das tarefas de aula, a organização dos materiais e a estruturação das tarefas eram todas realizadas ainda antes do início da mesma. Uma outra estratégia aplicada em aula que visava a rentabilização do tempo de prática dos alunos diz respeito à estruturação de exercícios semelhantes de aula para aula, pois os alunos necessitam inicialmente de um tempo de adaptação à tarefa para depois apresentarem um tempo de empenhamento na mesma com um maior potencial de aprendizagem. De referir ainda que a leccionação das aulas por estações contribuiu bastante para que a mudança de tarefas de aula decorresse de um modo bastante rápido, contribuindo assim também o tempo de exercitação dos alunos. Todas estas estratégias apresentaram-se bastante úteis e eficazes ao longo do ano lectivo.

Uma outra dimensão da gestão tida em conta pelo estagiário em aula, diz respeito à gestão emocional dos alunos. Nesta dimensão foi procurado criar uma relação de proximidade e confiança entre professor-aluno, de modo a que o empenho e motivação do aluno fossem os pretendidos e visando o interesse deste pelas aprendizagens em aula. Santos, M. (2007) refere mais uma vez que “um grande corpo teórico indica que o rendimento escolar e comportamento produtivo são influenciados pela qualidade da relação professor-aluno”.

Analisando agora a gestão das aprendizagens dos alunos, penso que estas foram conseguidas através do planeamento das aulas e dos ajustamentos realizados consoante as evoluções apresentadas pela turma. De modo a gerir as aprendizagens dos alunos, estes trabalharam em grupos de nível, o que permitiu ao estagiário diferenciar um pouco o ensino consoante as necessidades dos alunos.

O último âmbito de gestão da aula, embora ligado à disciplina, refere-se à gestão do comportamento dos alunos, tendo sido sempre procurado prevenir o comportamento desajustado. Baseando-me em Santos, M.(2007) citando Martin & Shoho, (1999), foram então definidas algumas regras de aula, recompensas e criadas oportunidades de participação dos alunos. Uma outra estratégia utilizada, ainda que não tenha sido muito aperfeiçoada, prende-se com a realização frequente de controlo à distância em aula, tendo em vista mais uma vez reduzir os desvios de tarefa.

Avaliação

“A função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.”

(Ribeiro & Ribeiro, 1990)

Lesne (1984); Guba e Lincoln (1985) citados por Estrela, A.; Nóvoa, A. (1999), definem avaliar como o “confrontar “dados de facto” (“o real”, “o existente”) com o desejado, o esperado, o ideal, que é composto de normas, objectivos ou critérios, e permite atribuir um valor, uma utilidade ou uma significação aos dados concretos que constituem o referido”.

Olhando à função de avaliar apresentada por Ribeiro, A.; Ribeiro, L. (1990), podemos perceber que se trata de uma análise que informa não só o professor como também os alunos sobre os conteúdos que adquiriram, o que por sua vez permite uma orientação dos mesmos sobre os pontos onde devem incidir o seu trabalho de modo a evoluírem. O autor refere ainda que a avaliação permite ao professor identificar os pontos onde o planeamento não resultou, concebendo assim estratégias alternativas de remediação e reorganizando a planificação segundo os resultados obtidos, e proporciona uma base indispensável à classificação dos alunos. Como refere o Despacho normativo n.º 98-A/92, “a avaliação dos alunos no ensino básico é um elemento essencial para uma prática educativa integrada, permitindo a recolha de informações e a tomada de decisões adequadas às necessidades e capacidades do aluno.”

Para Cardinet, J. (1993), as três funções pedagógicas da avaliação são: “selecção ou orientação da evolução futura do aluno – avaliação diagnóstica; regulação dos processos de aprendizagem – avaliação formativa; e certificação ou validação das competências – avaliação sumativa.”

Concordando com Ribeiro, A.; Ribeiro, L. (1990) e olhando às funções da avaliação definidas por Cardinet (1993), o professor “socorre-se” a três tipos fundamentais de avaliação, sendo eles: avaliação diagnóstica, avaliação sumativa e avaliação sumativa.

Avaliação Diagnóstica

Segundo Ribeiro, A.; Ribeiro, L. (1990), “a avaliação diagnóstica tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens”.

Assim, foi definido pelo grupo da disciplina de Educação Física que no início do ano lectivo, durante as primeiras quatro semanas de aulas, as turmas iriam passar pelos diversos espaços de aula de modo a poderem ser realizadas as avaliações diagnósticas das respectivas modalidades a abordar ao longo do ano. Através da avaliação diagnóstica, o estagiário recolheu as diversas informações sobre o nível inicial apresentado pelos alunos nas diversas modalidades a abordar. Estas informações recolhidas mostraram-se como um ponto crucial para a elaboração das respectivas unidades didácticas pois, como refere Ribeiro, A.; Ribeiro, L. (1990), através delas o estagiário percebeu se os alunos apresentavam os pré-requisitos necessários para a

introdução da nova unidade ou se estes já apresentavam adquirido algumas das aprendizagens da nova unidade.

Nas diversas avaliações diagnósticas, para o domínio motor, os alunos foram avaliados segundo as situações de exercitação já definidas pelo grupo de Educação Física. As grelhas de avaliação utilizadas pelo estagiário foram criadas tendo em vista o registo individualizado de cada aluno e segundo os critérios a observar em cada nível de aprendizagem (avaliação criterial), estes que também foram definidos pelo grupo de disciplina.

Dado no início do ano ainda se mostrar bastante difícil diferenciar e reconhecer os alunos, o estagiário necessitou de recorrer a uma estratégia na criação das grelhas de avaliação diagnóstica que lhe permitisse identificar os alunos em aula. Esta estratégia passou pela inserção das fotos dos alunos na própria grelha de registo de avaliação e ordenamento dos alunos nas grelhas segundo os grupos de aula, o que facilitou bastante a sua tarefa no decorrer da avaliação. De referir também que mais uma vez devido à inexperiência do estagiário, a realização da avaliação diagnóstica dos alunos não foi a mais precisa, dada a dificuldade apresentada em analisar os alunos em prática, sobretudo nas modalidades colectivas.

Em todas as modalidades, após realizada a respectiva avaliação diagnóstica, foi elaborado um relatório que visava a análise dos resultados obtidos, onde eram apresentadas as maiores dificuldades apresentadas pela turma, bem como as facilidades, definindo assim o ponto de partida para o planeamento da unidade didáctica.

Avaliação Formativa

Segundo Ribeiro, A.; Ribeiro, L. (1990), “a avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam.”

Assim a avaliação formativa foi realizada sistematicamente ao longo das unidades de ensino, procurando perceber os progressos dos alunos em relação aos objectivos traçados e tendo sempre em vista a adequação do ensino aos alunos.

Neste âmbito da avaliação, o estagiário realizou uma avaliação menos formal comparativamente com os outros dois tipos de avaliação, não tendo sido mesmo

desenvolvido um instrumento de observação. Ainda assim foi realizado um registo individual dos alunos sobre os aspectos do domínio sócio - afectivo, tais como pontualidade, assiduidade, comportamento, empenho e participação. Relativamente ao domínio cognitivo, este foi controlado através do questionamento aos alunos em aula, e o domínio motor era avaliado pelas prestações dos alunos na componente prática da aula. Nestes dois âmbitos, embora tenha sido realizada uma avaliação dos alunos em todas as aulas de modo a regular o processo ensino-aprendizagem, o estagiário não realizou um registo individualizado dos alunos.

Avaliação Sumativa

Segundo Ribeiro, A.; Ribeiro, L. (1990), a avaliação sumativa diferencia-se das restantes avaliações sobretudo pela sua intenção de realização. O autor refere que “a avaliação somativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.”

A avaliação sumativa foi realizada nos momentos finais de cada unidade temática, tendo como principal objectivo aferir a progressão dos alunos e avaliar as suas aprendizagens durante a unidade didáctica, classificando-os num nível dos níveis de aprendizagem definidos. Como refere Ribeiro, A.; Ribeiro, L. (1990), “a avaliação somativa, dadas as finalidades que serve, é utilizada, habitualmente, no final de um segmento de ensino...”, “...podendo este corresponder a uma unidade de aprendizagens ou a um conjunto de unidades mais curtas”, como é o caso das unidades temáticas. A realização deste tipo de avaliação em cada unidade temática mostrou-se de grande importância, dado fornecer informações importantes para planificação da unidade temática seguinte que envolvesse essas mesmas modalidades. Após a realização da avaliação sumativa de uma determinada modalidade, foi elaborado um relatório final de modo a analisar as aprendizagens realizadas pelos alunos e as causas dos sucessos/insucessos ao longo do processo de ensino-aprendizagem, de modo a no futuro, caso se mostrasse necessário, realizar os devidos ajustamentos. Este relatório permitiu assim ao estagiário avaliar todo o seu processo de ensino-aprendizagem referente à unidade didáctica em questão.

Nas aulas que apresentavam como principal objectivo a realização da avaliação sumativa, foi procurando pelo estagiário respeitar e garantir na mesma as condições de aprendizagem dos alunos. Assim, estas aulas apresentaram as mesmas rotinas e a mesma estruturação das restantes aulas (ensino por tarefas), permitindo aos alunos a exercitação dos diversos conteúdos planeados. Ainda visando as aprendizagens dos alunos em aulas que tinham como objectivo a realização da avaliação sumativa, o estagiário procurou adoptar uma postura que lhe permitisse não só realizar a avaliação sumativa, como também instruir e acompanhar os alunos nas restantes tarefas de aula. Ao adoptar esta postura em aula e ao estrutura-la de modo idêntico às leccionadas até então, o estagiário não foi procedeu a uma avaliação individual e seriada dos alunos. Esta postura adoptada pelo estagiário por vezes apresentou-se algo complicada, visto a turma ser constituída por um número elevado de alunos e a acção de avaliar necessitar de algum tempo de observação, pois só assim seria possível analisar os diversos critérios definidos a alcançar pelos alunos. A capacidade de observação do estagiário sobre os alunos em prática, sobretudo nas primeiras avaliações sumativas realizadas, também dificultou um pouco a acção de avaliador, mostrando-se por isso necessário despende um pouco mais de tempo nos momentos de avaliar. Entenda-se observar como “um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientada por um objectivo terminal ou organizador e dirigido sobre um objecto para dele recolher informação” (De Ketele, (1980) citado por Damas, M.; Ketel, D. (1985)).

Excepções ao referido no parágrafo anterior foram as avaliações sumativas das modalidades de ginástica, dado a estratégia de ensino ser também ela diferente. Embora a leccionação das aulas fosse estruturada por tarefas, os estilos de ensino utilizados foram o inclusivo e recíproco. Deste modo foi definido que ao longo das diversas aulas seriam os próprios alunos que, ao se sentirem preparados, se auto-propunham a avaliação, de modo a aferirem quais os elementos que o professor considerava adquiridos e assim saberem o nível de aprendizagem em que se situavam e sobre o qual tinham de trabalhar.

Relativamente aos instrumentos utilizados na realização da avaliação sumativa foram utilizadas, para os domínios sócio – afectivo e cognitivo, as grelhas elaboradas pelo grupo da disciplina de educação física e, para a avaliação do domínio motor, uma grelha criada pelo professor estagiário. Para a avaliação do domínio motor, o estagiário

criou uma grelha de avaliação de uso prático, onde eram apresentados os diversos critérios a realizar pelos alunos, segundo os níveis de aprendizagem, estes que foram definidos pelo grupo de Educação Física (avaliação criterial). Esta grelha visava um registo individual de cada aluno, onde era assinalado quais os critérios que este mostrava ter adquirido. De referir que as situações em que os alunos eram avaliados foram também elas definidas pelo grupo de Educação Física, procurando assim criar uma igualdade entre as diversas turmas da escola.

A avaliação sumativa dos domínios sócio – afectivos e cognitivos foi realizada através dos registos da avaliação formativa realizada, servindo assim de complemento à avaliação sumativa.

Quanto à nota final de período, o estagiário seguiu os critérios de avaliação definidos pelo grupo da disciplina, respeitando as percentagens atribuídas a cada domínio, de forma a obter a classificação final do aluno, esta que incidia numa escala de 1 a 5, sendo a nota 5 a mais elevada.

Componente ético-profissional

“A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário”.

(in Guia de Estágio)

“Teaching is not defined by the technical skills of its practitioners, but instead by the educative intentions and moral purposes with which they undertake their work” (Fenstermacher (1990) citado por , C.;Carvalho, L.; Onofre, M.; Diniz, J.; Pestana, C. (1996)). Segundo Costa, C.;Carvalho, L.; Onofre, M.; Diniz, J.; Pestana, C. (1996), as habilidades de ensino são essenciais para realizar uma prática educativa de qualidade, contudo, não substituem ideias e valores.

Siedentop, D. (1998), refere que os educadores profissionais têm uma responsabilidade para com a ética profissional, devendo ser elaborados programas que satisfaçam as necessidades dos diferentes alunos, sobretudo daqueles que não foram bem tratados “tradicionalmente”. De acordo com esta afirmação está Costa,

C.;Carvalho, L.; Onofre, M.; Diniz, J.; Pestana, C. (1996), que refere que a qualidade de ensino é também uma forma de justiça social. Griffin y Placek (1983) citados por Siedentop, D. (1998), referem que no momento de planificar um programa se deve favorecer a igualdade.

Assim, podemos considerar que o desenvolvimento de competências ético-profissionais por parte do estagiário se mostra como um ponto de extrema importância que tem de ter sempre presente.

Por esta razão foi pretendido que, ao longo do ano de estágio, o estagiário assumisse um compromisso com as aprendizagens dos alunos, quaisquer que fossem as características que estes apresentassem, ou seja, “igual qualidade educativa a todos os alunos” (C.;Carvalho, L.; Onofre, M.; Diniz, J.; Pestana, C. (1996)).

Relativamente a este âmbito de ética - profissional, penso terem sido sempre criadas as condições necessárias para as aprendizagens, nunca tendo existido qualquer diferenciação de alunos aquando da acção de ensino. O estagiário procurou mesmo ao longo do ano criar uma boa relação com todos os alunos da turma, tanto em ambiente de aula como fora da dela. Relativamente ao compromisso com as aprendizagens dos alunos, o estagiário apresentou um carácter “aberto” e reflexivo sobre as suas acções e procurou sempre aumentar os seus diversos conhecimentos, através da partilha de experiências e suporte bibliográfico, tendo sempre em vista a criação das melhores condições possíveis para a aprendizagem dos alunos.

No estágio pedagógico era ainda esperado que o estagiário revelasse disponibilidade para com todas as actividades de âmbito escolar, fosse assíduo, pontual e responsável. Quanto à postura do estagiário nos valores anteriormente referidos e visto a ética – profissional estar intimamente ligada a valores pessoais, considerasse que foi com alguma naturalidade que os mesmos foram cumpridos e até mesmo transmitidos aos alunos, como a pontualidade e responsabilidade. O estagiário considera que se trata de valores extremamente importantes para qualquer profissional, não sendo assim excepção o professor de Educação Física.

Importa ainda referir a componente ética – profissional presente no Núcleo de Estágio Pedagógico, onde foi sentida uma grande coesão e cumplicidade entre os membros constituintes. A ética – profissional que se mostrou sempre presente produziu uma constante entreajuda entre os estagiários ao longo de todo o ano lectivo e em

diversos âmbitos, com especial destaque para as actividades pertencentes à disciplina de Projectos e Parcerias Educativas e a partilha de conhecimentos e experiências para a concepção das actividades de ensino-aprendizagem. Não menos importante foi também a ética – profissional do professor orientador que, sendo uma referência para o estagiário, apresentou sempre total disponibilidade e vontade de participar no seu processo de formação profissional, que é o estágio pedagógico.

Justificação das opções tomadas

Ao longo do ano lectivo o estagiário deparou-se com a necessidade de tomar inúmeras decisões sobre o processo de ensino-aprendizagem. Este ponto visa então a apresentação das justificações das diversas opções tomadas.

Logo no início do ano foi tomada uma decisão que recaiu sobre o planeamento e modo de leccionação das matérias nucleares em aula (aulas em multi-matérias). A decisão tomada teve por base as rotações da turma pelos diversos espaços de aula, as matérias a leccionar em cada um desses espaços (definidas pelo grupo da disciplina) e o conselho do próprio orientador de estágio. O professor orientador sugeriu que leccionássemos aulas em multi-matérias, de modo a que os alunos não contactassem com as diversas modalidades abordadas apenas num momento pontual do ano lectivo, dado se mostrar mais motivador para a prática dos alunos em aula e ainda devido à conjugação das matérias a leccionar por espaço de aula, dado estar definido, para a maioria dos espaços, a abordagem de um modalidade de carácter colectivo e uma de carácter individual.

Após esta tomada de decisão e mais uma vez olhando à rotação da turma pelos respectivos espaços de aula, foram distribuídas as matérias pelo calendário lectivo, formando-se assim o plano anual da turma.

Visto as aulas serem leccionadas sobre o método de multi-matérias e tendo em conta as quatro semanas seguidas que a turma permanecia num determinado espaço (rotações de espaços decorriam sobre períodos de quatro semanas), mostrou-se pertinente a elaboração de unidades temáticas. Através da elaboração deste documento o estagiário definiu os objectivos a desenvolver e planificou, de modo específico, os conteúdos a leccionar em cada modalidade abordada.

Analisando agora as tomadas de decisão relativas à estruturação da aula, o estagiário seguiu mais uma vez as decisões tomadas pelo grupo de Educação Física. Quanto aos tempos de aula, o grupo da disciplina definiu que, nos blocos de 45 minutos, os alunos tinham direito a 5 minutos no início da aula para equiparem e 5 minutos no final para desequipar, e, nas de 90 minutos, tinham igual tempo para equipar e 10 minutos para desequipar. Segundo estas definições, o tempo disponível para leccionar a aula era de 35 e 75 minutos, respectivamente. Olhando ao tempo disponível de aula, o estagiário aceitou mais uma vez a sugestão do professor orientador e definiu que, nas aulas de 45 minutos, a parte inicial e final seriam de 5 minutos cada, sendo a parte fundamental de aula composta por 25 minutos. Em algumas modalidades como a ginástica e em períodos do ano em que as temperaturas climatéricas eram mais baixas, o estagiário definiu, para as aulas de 45 minutos, 5 minutos para a realização do aquecimento, diminuindo o tempo da parte fundamental da aula para apenas 20 minutos de prática. Nas aulas de 90 minutos, foi definido que a parte inicial seria composta por 10 minutos de instrução e 20 minutos de aquecimento, a parte fundamental era constituída por 35 minutos, sendo reservados 10 minutos para parte final, estes divididos em dois períodos de 5 minutos, um para a realização do retorno à calma e o último para a realização da instrução inicial.

Como já referido num dos pontos anteriores do relatório, de modo a gerir bem o tempo de aula e proporcionar aos alunos o máximo tempo de aprendizagem, foram adoptadas algumas rotinas e estratégias. Considero então importante referir a colocação em prática de uma estratégia sugerida pelo professor orientador, que permitiram reduzir bastante os tempos de organização da aula como: os alunos assim que entravam consultavam a folha de formação de grupos e, caso existissem formações de equipas, estes vestiam desde logo os respectivos coletes; os alunos apenas dispunham de cinco segundos para chegar junto do estagiário sempre que este mandava reunir. Estas estratégias permitiram reduzir o tempo dispendido na formação de grupos e equipas, bem tornaram o iniciar das tarefas de aula bastante mais rápido.

A formação dos grupos elaborada pelo estagiário visou poder diferenciar um pouco o ensino, formando grupos de nível, e gerir de melhor forma o comportamento dos alunos em aula, separando os alunos que por norma apresentavam mais desvios de tarefa. Excepção foi a formação de grupos aquando da abordagem das modalidades de

ginástica, tendo sido procurado criar grupos de nível heterogéneos, de modo a que os alunos que apresentassem um nível mais elevado na modalidade pudessem auxiliar os colegas que apresentavam um nível de aprendizagem inferior.

Relativamente à estruturação da parte fundamental, esta incidiu sobre o ensino por tarefas. O estagiário ao recorrer a este tipo de ensino sugerido pelo professor orientador, procurou promover o trabalho em grupo, visando aumentar o empenho e entreajuda dos alunos, bem como reduzir o tempo dispendido na alteração de tarefas, visto não haver a necessidade de os reagrupar para explicar o modo de realização do exercício seguinte, como acontece no ensino por comando (Siedentop, D., 1998). As aulas eram constituídas normalmente por quatro estações, definição esta que se baseou no número de alunos que constituíam cada grupo e no tempo de exercitação que estes dispunham para exercitar cada tarefa, tendo o estagiário procurado que este fosse rondasse os cinco minutos nas aulas de 45 minutos e oito minutos nas aulas de 90 minutos. Eram então estruturadas duas tarefas para cada modalidade abordada, sendo procurado que os alunos realizassem, em cada modalidade, inicialmente uma tarefa de carácter analítico e de cooperação, passando depois para uma tarefa de jogo de oposição, ou seja, da tarefa mais simples para a mais complexa.

Analisando agora os estilos de ensino utilizados ao longo da abordagem das diversas modalidades, estes incidiram sobretudo nos estilos de ensino por comando e por tarefa. O estilo de ensino por comando, caracterizado por o aluno “seguir as ordens do professor e desempenhar a tarefa quando e como descrita” (*in documentos de apoio*), esteve presente nas aulas sobretudo nas fases de aquecimento e retorno à calma, sendo que o estilo de ensino por tarefa, caracterizada pela “organização das condições de aprendizagem que permite aos alunos empenharem-se em tarefas diferentes ao mesmo tempo” (Siedentop, D., 1998), dada a estruturação da aula, estava presente durante a parte fundamental da aula. Mais uma vez as modalidades de ginástica foram excepção, onde foi utilizado os estilos de ensino inclusivo, que se caracteriza por o aluno “aprender a seleccionar um nível ou uma tarefa que é capaz de desempenhar, comparando o seu desempenho com os critérios preparados pelo professor e assim verificando o seu próprio trabalho”, e o recíproco, onde o aluno realiza um “trabalho com um parceiro, fornecendo-lhe feedback de acordo com os critérios definidos pelo professor” (*in documentos de apoio*). Dado se tratarem de modalidades individuais, o

estagiário procurando individualizar o ensino dos alunos, aceitou a proposta do professor orientador em leccionar segundo esta estratégia de ensino. Assim, o estagiário transmitiu o nível em que cada aluno se encontrava, tendo este que trabalhar sobre os critérios definidos para esse mesmo nível. Depois, sempre que o aluno se sentia capaz de realizar todos os critérios definidos para o nível de aprendizagem em que se encontrava, este propunha-se à avaliação do professor, sendo lhe aprovada ou não a passagem para o nível seguinte de aprendizagem. Este estilo de ensino e de avaliação permitiu aos alunos controlarem de forma individual o seu próprio trabalho e as suas evoluções na modalidade, percebendo através da ajuda do professor quais as suas principais dificuldades.

Por fim analisando os tipos de avaliação realizados, mais uma vez segundo o definido pelo grupo de Educação Física, a avaliação diagnóstica foi realizada nas primeiras quatro semanas do ano lectivo. O grupo da disciplina estruturou então a rotação das turmas pelos espaços de aula de forma a que todas passassem uma semana em cada espaço, durante as primeiras quatro semanas iniciais. Foi então durante este período que foram realizadas as diversas avaliações diagnósticas referentes às modalidades iriam ser abordadas ao longo do ano lectivo. Quanto à avaliação sumativa esta foi realizada na última ou penúltima aula de cada unidade temática, de modo a classificar os alunos e perceber o grau de validade do trabalho desenvolvido no processo de ensino-aprendizagem, relativo ao período que a unidade temática envolvia. Tanto a avaliação diagnóstica como a avaliação sumativa, foram realizadas de forma criterial como definido pelo grupo da disciplina, este que definiu os critérios a observar para cada nível de aprendizagem. Por sua vez a auto-avaliação foi realizada na última aula de cada período, tendo sido utilizada uma grelha criada pela instituição escolar.

Aprendizagens realizadas como estagiário

O sentimento de responsabilidade e o interesse apresentado pelo estagiário para com as aprendizagens dos alunos e toda a envolvente escolar levou-o, ao longo deste ano, a realizar inúmeras aprendizagens e de diversos âmbitos.

Assim, a descrição dessas mesmas aprendizagens realizadas incidirá nos três âmbitos desenvolvidos ao longo do estágio, sendo eles: Planificação; Realização e Avaliação.

As primeiras aprendizagens realizadas pelo estagiário prenderam-se com o âmbito do planeamento. Logo no primeiro contacto com a escola e sobretudo com o grupo de Educação Física onde o estagiário estava inserido, foi possível perceber todo o trabalho preparatório que está por de trás do própria iniciar das aulas.

Através das reuniões de início do ano e dos documentos fornecidos ao estagiário pelo grupo de Educação Física, foi possível perceber o grande trabalho de organização já realizado pelo grupo da disciplina, este por sua vez permite a orientação do restante planeamento dos professores e claro, do estagiário. Refiro-me portanto à distribuição das modalidades a abordar segundo o ano de escolaridade, à distribuição das matérias a abordas pelos espaços de aula, à definição dos critérios de avaliação a observar em cada modalidade, ao mapa de rotações das turmas pelos diversos espaços de aula, à definição dos momentos de avaliação diagnóstica, à distribuição dos materiais pelas respectivas modalidades, entre outras informações já recolhidas e organizadas.

Através das reuniões iniciais de grupo de disciplina e do Núcleo de Estágio, que envolvia os estagiários e o professor orientador de escola, foi percebido desde logo a importância de conjugar as diversas informações inerentes à planificação dos diversos documentos de orientação do processo de ensino-aprendizagem, de modo a que estes se mostrassem exequíveis e enquadrados com as necessidades dos alunos, garantindo assim a aquisição das aprendizagens dos mesmos. A necessidade de elaborar planear nos diversos níveis de planeamento (plano anual, unidades didáticas, unidades temáticas e planos de aula), permitiu ao estagiário adquirir todo um conhecimento que, neste momento, o faz sentir-se capaz de concretizar, com algum à vontade, este âmbito de acção do professor de Educação Física.

De referir que a aquisição de conhecimentos sobre a elaboração de unidades temáticas e a percepção da sua importância no processo de ensino aprendizagem (guia orientador do professor; ajustamento do processo de ensino aprendizagem aos alunos), apenas se mostrou possível dado o sistema de rotação de espaços de aula definido pelo grupo da disciplina e a tomada de decisão em leccionar as aulas em multi-matérias.

Para a aquisição destes conhecimentos do âmbito da planificação, contribuíram também as consultas bibliográficas realizadas, as planificações já elaboradas em anos anteriores e os *feedbacks* proporcionados pelo professor orientador de escola.

Analisando as aprendizagens adquiridas no âmbito da realização, começar por referir aquela que o estagiário considera como a mais relevante no seu processo de formação: a importância de ser um professor empenhado e reflexivo sobre a sua prática. Ponte, J. (2002), refere que “a investigação sobre a prática profissional, a par da sua participação no desenvolvimento curricular, constitui um elemento decisivo da identidade profissional dos professores”. Ao longo do ano o estagiário desenvolveu inúmeras reflexões sobre as suas práticas e construções (planeamentos), tentando perceber quais as causas dos sucessos e insucessos dos seus planeamentos e acções práticas ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem. Através desta vivência o estagiário percebeu a importância de um professor reflectir, em grupo ou individualmente, sobre as suas acções, pois foi através da constante análise do trabalho desenvolvido que o estagiário conseguiu evoluir na sua formação.

Analisando agora as aprendizagens adquiridas especificamente através da leccionação das aulas ao longo do ano de estágio, o estagiário percebe que desenvolveu inúmeras capacidades nos diversos âmbitos da aula. Para essa evolução contribuiu mais uma vez a reflexão conjunta com o professor orientador e os colegas de estágio, sobre a condução e planificação da aula.

Relativamente ao âmbito da instrução, o estagiário sente-se agora capaz de realizar uma instrução inicial e final de aula simples e com uma duração adequada, seleccionando as informações pertinentes a transmitir aos alunos, o que no início do estágio se mostrou como uma das principais dificuldades. Durante a aula, o estagiário sente ter adquirido uma capacidade de transmitir feedbacks aos alunos sobre as suas diversas acções, de um modo espontâneo e pertinente, recorrendo mesmo aos diversos tipos de feedback existentes. Mais uma vez no início do estágio esta era uma capacidade pouco desenvolvida, dada a sua inexperiência no acto da leccionação.

Olhando agora à gestão de aula, o estagiário considera que também desenvolveu várias aprendizagens que lhe permitem agora gerir todas as envolventes da mesma.

Em relação à gestão do tempo, a evolução apresentada na capacidade de instrução, sobretudo no momento inicial, e a preocupação em controlar os tempos de rotação das estações da aula, permitem agora ao estagiário assegurar o tempo planeado para a exercitação dos alunos, o que não se verificava quando este apresentava uma instrução inicial algo extensa.

Ainda no âmbito da gestão de aula, o estagiário adquiriu vários conhecimentos que lhe permitiram rentabilizar o tempo da mesma, reduzindo de forma substancial os tempos dispendidos para a sua organização. Como por exemplo, as estratégias e rotinas definidas em aula, a consulta dos grupos pelos alunos assim que entram em aula, a definição de apenas cinco segundos para chegar junto do professor, a consulta da formação de equipas aquando da realização de jogo desportivos colectivos, entre outras.

Um outro âmbito de gestão onde o estagiário sentiu que evoluiu bastante diz respeito à gestão das aprendizagens dos alunos. Mais uma vez a análise sobre a sua acção e o seu planeamento permitiram ao estagiário adequar o processo de ensino-aprendizagem à evolução apresentada por estes, proporcionando as situações de aprendizagem adequadas à evolução da turma.

O estagiário sente-se agora também com capacidade para gerir bem os comportamentos dos alunos em aula, tendo mesmo aprendido diversas estratégias para prevenir comportamentos desviantes. A aprendizagem adquirida relativamente ao modo de circulação pelo espaço de aula e à colocação do estagiário perante os alunos contribuiu bastante para que este conseguisse controlar e observar os alunos em prática. Ainda assim, ao longo do ano surgiram casos pontuais de indisciplina, que levaram o estagiário aprender o modo como deveria intervir sobre estes.

Por último, o âmbito da gestão do clima e disciplina da aula. Também neste o estagiário julga ter desenvolvido várias aprendizagens, tendo mesmo aprendido a forma como se desenvolve um bom clima, onde os alunos apresentam uma boa articulação entre si e um bom relacionamento com o estagiário. Foi ainda procurado pelo estagiário criar uma proximidade e confiança entre ele e os alunos, de modo a aumentar o empenho destes e o seu interesse pelas aprendizagens.

A necessidade de realizar a avaliação dos alunos também contribuiu bastante para as aprendizagens do estagiário. Inicialmente, aquando da realização das avaliações diagnósticas, o estagiário sentiu alguma dificuldade em interpretar a acção dos alunos em prática. Com o leccionar das aulas ao longo do ano e com a realização das diversas avaliações sumativas sobre componente motora dos alunos, o estagiário conseguiu evoluir bastante quanto à sua capacidade de observação e análise dos alunos em prática.

Por último referir as aprendizagens realizadas através da participação do estagiário nas reuniões de turma, onde adquiriu conhecimentos relativos a todo o processo desenvolvido nas reuniões intercalares e de final de período.

Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Segundo Carreiro da Costa (1995), a qualidade de ensino influencia em grande parte o êxito nas aprendizagens escolares por parte dos alunos, ou seja, a aprendizagem dos alunos depende da capacidade do professor criar condições de sucesso aos alunos.

Costa, F. (1983), afirma que “a investigação no ensino confirmou a posição defendida por Joyce ao caracterizar o “bom” professor como o que possuía a capacidade de criar, aplicar e modificar estratégias de ensino de acordo com as circunstâncias e necessidades dos alunos”.

Olhando ao referido pelos autores é de fácil compreensão que o professor é um dos principais responsáveis, se não mesmo o principal responsável, pelo êxito das aprendizagens dos alunos. Foi segundo esta responsabilidade que o estagiário procurou sempre identificar as necessidades dos alunos, perceber as razões dos seus insucessos, para depois poder desenvolver as condições que, na sua perspectiva e segundo os seus conhecimentos, seriam as melhores para o aluno aprender.

Deste modo, ao longo do ano de estágio o estagiário não se limitou a estar presente em todas as aulas da turma, ser pontual, transmitir a matéria aos alunos e estruturar exercícios para estes se ocuparem durante o tempo de aula. O estagiário, mais uma vez através de uma atitude reflexiva, procurou sempre perceber quais as suas práticas que estavam a contribuir para a aprendizagem dos alunos e as que não se mostravam enquadradas com as necessidades destes.

Foi então realizado de modo constante, uma reflexão sobre o planeamento elaborado, de forma a perceber se as evoluções e respostas dos alunos exigiam ou não ajustamentos. Após a leccionação de uma aula, era realizada uma reflexão sobre a sua condução (gestão, clima, disciplina e instrução), procurando perceber os pontos onde o estagiário deveria evoluir e quais os que deveria continuar a apresentar em aula, de modo a aumentar o potencial de aprendizagem da mesma. Durante a leccionação, o estagiário procurou mostrar-se o mais interventivo possível, transmitindo bastantes feedbacks aos alunos e não se limitando a estruturar a aula e a observar os alunos em

prática. Este foi um dos pontos onde procurou garantir a sua evolução pois, como refere Shiguno, V.; Pereira, V. (1994), “a oportunidade de oferecer feedback ao aluno é um dos pontos mais importantes da aula e não recai apenas sobre as acções motoras do aluno”.

Para melhorar a concretização destes pontos anteriormente referidos, o estagiário teve sempre em atenção a sua formação pessoal, procurando aumentar o seu conhecimento, de modo a depois o poder adaptar às diversas necessidades que fossem surgindo, e corrigir as suas acções relativas à gestão da aula.

Como já referido anteriormente no trabalho, Santos, M. (2007) refere que “um grande corpo teórico indica que o rendimento escolar e comportamento produtivo são influenciados pela qualidade da relação professor-aluno”. Indo ao encontro desta necessidade dos alunos e visando mais uma vez as suas aprendizagens, o estagiário procurou sempre desenvolver uma relação de proximidade e à vontade entre professor-aluno, criando um clima de confiança no professor, de aceitação das suas intervenções e, sobretudo, que os alunos ganhassem interesse por aprender. Este clima leva a que o aluno apresente uma grande motivação e empenho em aula, levando assim o mesmo ao sucesso.

Foi ainda através da gestão e clima da aula, do tipo de tarefas propostas e do relacionamento com a turma, que o estagiário procurou desenvolver nos alunos aprendizagens ao nível da autonomia, inclusão na sociedade e valores morais e sociais.

Inovação nas práticas pedagógicas

Relativamente à inovação nas práticas pedagógicas, penso que não podemos considerar o conceito de inovação no seu verdadeiro significado, dado não ter sido criada nenhuma prática pedagógica de raiz. Podemos considerar inovação de práticas pedagógicas para a turma, pois para os alunos talvez se tenha tratado de algo novo e desconhecido. De referir que todas as inovações tiveram sempre como principal objectivo adequar o processo de ensino-aprendizagem às necessidades apresentadas pelos alunos.

Começando pela estratégia de estruturação da aula, a leccionação da aula por tarefas mostrou-se uma novidade para a turma, dadas as suas aulas de Educação Física nos anos anteriores terem sido leccionadas segundo o ensino por comando, ou seja, o

professor instrui toda a turma sobre o exercício a realizar, os alunos exercitam durante um determinado tempo e sob a orientação do professor, que transmite feedbacks aos alunos, sendo de seguida instruído um outro exercício. Os alunos experienciaram então uma nova organização de aula e um novo estilo de ensino (por tarefa), adquirindo inúmeros conhecimentos sobre todo o seu funcionamento.

Também os estilos de ensino utilizados nas unidades didáticas de ginástica se mostravam como uma novidade para a turma (inclusivo e recíproco), onde eles eram os principais reguladores das suas aprendizagens e evolução e ainda cooperavam com os colegas. Na abordagem destas modalidades, os alunos dispuseram de meios gráficos auxiliares às suas aprendizagens, estratégia também inovadora para estes.

Uma outra novidade para a turma, embora um pouco relacionada com a estruturação da aula, prende-se com a leccionação e exercitação de duas modalidades em simultâneo (multi-matérias). Embora os alunos já tenham abordado duas modalidades na mesma aula, esta era realizada segundo dois momentos distintos, ou seja, numa primeira fase da aula era apenas abordada uma modalidade, sendo depois leccionada uma outra modalidade numa segunda fase da aula.

Como inovação nas aprendizagens dos alunos podemos considerar também as estratégias utilizadas em aula no decorrer do ano lectivo, sobretudo no que diz respeito à organização das aulas. Estratégias como a consulta dos grupos assim que os alunos chegavam à aula, formação de equipas segundo o definido nas folhas de grupos, registo do desempenho na abordagem de modalidades individuais, diferenciação entre os alunos que chegavam a horas e os que não chegavam, entre outras estratégias, mostraram-se também como uma novidade para a turma, promovendo-lhes assim algumas aprendizagens.

Analisando agora as práticas pedagógicas utilizadas na fase de aquecimento da aula, o estagiário percebeu que a realização de exercícios que visavam o desenvolvimento da coordenação era também uma novidade nas aprendizagens dos alunos, bem como os alongamentos realizados nesta fase da aula.

Ao longo do ano o estagiário desenvolveu vários exercícios na abordagem das diversas modalidades, estes que sendo criados pelo próprio estagiário se mostraram também como novos para os alunos.

Também como novo para a maioria dos alunos da turma, mostrou-se a estruturação das aulas que tinham como objectivo realizar a avaliação sumativa do desempenho motor da turma. Estas aulas apresentaram uma organização idêntica a todas as outras, não sendo assim realizada avaliação individual e seriada dos alunos, onde a professora apenas avaliava e os restantes esperavam pela sua vez de serem avaliados.

Uma última inovação foi o recurso à filmagem das aulas, embora esta tenha contribuído de uma forma directa para a aprendizagem do estagiário do que propriamente para a dos alunos. Ao analisar a sua condução de aula, o estagiário conseguiu corrigir algumas das suas falhas na condução da aula, proporcionando assim aos alunos, um maior potencial de aprendizagem em aulas futuras.

Dificuldades sentidas e formas de resolução

Ao longo da elaboração deste documento já foram frisadas algumas das dificuldades sentidas pelo estagiário no decorrer do ano lectivo, sendo agora neste ponto revistas essas mesmas dificuldades e apresentadas as formas de solução que o mesmo encontrou para as ultrapassar.

A primeira dificuldade sentida pelo estagiário surgiu no início do ano lectivo, aquando da elaboração da extensão e sequência de conteúdos das diversas unidades didácticas elaboradas. O estagiário sentiu alguma dificuldade em planificar quais seriam os melhores momentos para abordar os diversos conteúdos, dado não apresentar uma noção da evolução que os alunos poderiam revelar. De modo a ultrapassar esta dificuldade sentida, o estagiário discutiu com os colegas de estágio sobre qual seria o melhor planeamento, bem como consultou planificações elaboradas em anos anteriores e nos respectivos relatórios. Sabendo que cada turma é um caso e que as planificações dos anos anteriores não se poderiam aplicar à turma em causa, o estagiário elaborou então a respectiva extensão e sequência de conteúdos de cada unidade didáctica a abordar, sempre consciente de que estas poderiam ser ajustadas à turma em qualquer momento do ano, consoante as evoluções apresentadas pelos alunos.

A segunda dificuldade sentida pelo estagiário prendeu-se com a gestão da instrução inicial, pois durante o primeiro período, ainda que apresentasse uma prelecção organizada, o estagiário realizava instruções com demasiada informação e por isso muito longas. Esta dificuldade de gestão da instrução inicial de aula originou uma outra

dificuldade que se prendeu com a gestão do tempo de aula. A instrução demasiado longa no início da aula obrigava a que fossem reajustados os restantes tempos planeados, sendo normalmente optando por reduzir o tempo despendido para a instrução final, esta que não é menos importante do que a inicial. De forma a ultrapassar esta dificuldade o estagiário, juntamente com os colegas de estágio e o orientador, discutiram bastantes vezes sobre qual seria a informação pertinente a transmitir no início da aula, passando depois por o estagiário a conseguir seleccionar bem essa informação e a apresentá-la.

Ainda nas primeiras aulas, dado o objectivo ser a realização da avaliação diagnóstica, o estagiário sentiu diversas dificuldades em avaliar os alunos em prática. Esta dificuldade foi ultrapassada através da sistemática observação dos alunos, o que permitiu ao estagiário desenvolver a sua capacidade de analisar e interpretar a informação que tinha observado. A consciencialização dos critérios a observar nos alunos também ajudou bastante a filtrar a informação que realmente se mostrava importante registar.

No início do estágio, dada a inexperiência do estagiário, foram também sentidas algumas dificuldades em garantir o empenho dos alunos e seriedade no trabalho. A turma apresentava poucas normas de trabalho, diminuindo um pouco a qualidade das primeiras aulas. Em análise com o professor orientador o estagiário definiu apresentar outra postura perante os alunos até estes perceberem que as aprendizagens deles não dependeriam só da capacidade de instrução do professor. Os alunos alteraram a sua postura e a partir desse momento, tornou-se mais fácil ao estagiário desenvolver um bom clima de aula e relacionamento com os alunos.

A realização e pertinência dos feedbacks transmitidos pelo estagiário aos alunos foi também algo que, no início do ano, não apresentou a qualidade que as aprendizagens dos alunos exigiam. O estagiário foi então evoluindo a sua capacidade de realizar feedbacks ao longo do tempo, sendo esta evolução mais visível a partir do momento que o próprio adquiriu um maior controlo na condução da aula, pois conseguiu assim direccionar um pouco mais da sua atenção para a realização deste tipo de instrução. Mais uma vez o feedback apresentado pelo professor orientador e a previsão de feedbacks sobre os erros mais comuns contribuiu muito para que a qualidade de intervenção do estagiário melhorasse. Ainda neste âmbito de intervenção outra

dificuldade sentida foi a realização de ciclos de feedback, esta que se manteve ainda durante algum tempo do estágio, tendo sido apenas ultrapassada já durante o segundo período. A forma encontrada pelo estagiário para ultrapassar a dificuldade de não completar os ciclos de feedback foi aumentar a sua preocupação em cumprir com esse critério de observação presente nas grelhas de observação do professor orientador. As constantes chamadas de atenção do professor orientador para a importância de cumprir com este ponto ajudaram também o estagiário a ultrapassar a sua dificuldade.

Relativamente à dificuldade sentida na criação de tarefas que fossem adequadas aos objectivos de aula e que garantissem o empenho dos alunos, foi através da reflexão do próprio estagiário sobre as tarefas propostas, da reflexão conjunta com o núcleo de estágio e através das sugestões apresentadas pelo professor orientador que o estagiário desenvolveu a sua capacidade de elaboração dos exercícios.

Dificuldades a resolver no futuro ou formação contínua

Embora durante este ano de lectivo o estagiário tenha conseguido ultrapassar grande parte das duas dificuldades através do desenvolvimento de inúmeras capacidades e conhecimentos, numa futura intervenção como professor de Educação Física, ainda existem diversas capacidades de intervenção que o estagiário deverá procurar melhorar, no sentido de conseguir proporcionar aos alunos melhores condições de aprendizagem.

Um dos aspectos que deverá procurar implementar desde logo será as diversas regras de aula e rotinas a ter em conta, de modo a conseguir garantir desde o início a organização da mesma. Este ano o estagiário sentiu que a não definição estas regras logo no início do ano dificultando um pouco a sua gestão de aula, sendo mesmo depois mais difícil de corrigir os alunos.

Também ao nível da capacidade de identificação do erro que impossibilita o aluno de ter sucesso o estagiário deverá procurar aumentar o seu conhecimento, sendo depois capaz de instruir o aluno de forma pertinente.

Outro aspecto a ter em conta será a criação de uma imagem presente do professor, de modo a que este quando necessite de intervir consiga garantir a atenção de todos os alunos. Assim o estagiário deverá ser um pouco mais exigente relativamente à postura dos alunos nos momentos de instrução, de modo a que todos sejam instruídos como pretendido.

Também a verificação dos conhecimentos deverá apresentar outro cuidado, dado este ano o estagiário ter sentido que existia um grupo, ainda que grande de alunos, a quem normalmente direccionava as questões nos momentos de revisão de conteúdos.

Por fim um aspecto muito importante que o estagiário terá de procurar melhorar prende-se com a capacidade de realização de controlo à distância. Deste modo o estagiário deverá continuar a procurar desenvolver uma boa colocação no espaço de aula e consciencializar-se de que é necessário observar os alunos que se encontram longe dele, mesmo nos momentos de instrução a um determinado aluno ou grupo de alunos.

Capacidade de iniciativa e responsabilidade

A responsabilidade sentida para com um momento tão importante na formação do estagiário como é o estágio pedagógico, a responsabilidade para com as aprendizagens dos alunos e ainda as responsabilidades para com toda a envolvência escolar, permitiram ao estagiário perceber desde logo o quão seria necessário responder pelas suas próprias acções durante este ano lectivo.

Já a capacidade de iniciativa, esta foi fomentada ao longo do ano pelo professor orientador, dada a liberdade que o estagiário teve para definir e intervir sobre todo o processo de ensino-aprendizagem. Alarcão, I.; Roldão, M. (2008) afirma que “os formadores sentem dificuldade em se pensarem profissionais, situação que só se torna evidente quando lhes é dada autonomia e responsabilidade pela docência”.

Estas inúmeras responsabilidades sentidas e o vasto trabalho que o estagiário teve de desenvolver ao longo do ano de modo a desempenhar, no mínimo, o papel de um professor eficaz, levou-o, em certos momentos, a necessitar de colocar em prática a sua capacidade de iniciativa. Ainda que sentindo o apoio do professor orientador, o estagiário teve de tomar inúmeras decisões sobre todo o planeamento e modos de intervenção no processo de ensino-aprendizagem, sendo depois o responsável pelos resultados da sua prática. Perante os diversos problemas e dificuldades sentidas, o estagiário apresentou sempre iniciativa para encontrar a solução dessas mesmas questões, tendo mesmo por vezes de agir segundo os seus princípios e conhecimentos, responsabilizando assim mais uma vez pela sua acção.

O estagiário revelou assim sempre um grande sentido de responsabilidade, ao cumprir com as exigências inerentes à escola, às aprendizagens dos alunos e ao estágio pedagógico.

O estagiário ao ser inserido no grupo da disciplina de Educação Física teve também a oportunidade de apresentar ao grupo qualquer sugestão ou mesmo expressar a sua opinião em relação aos diversos temas discutidos em reunião e actividades realizadas.

Uma outra prova de capacidade de iniciativa e responsabilidade do estagiário foi apresentada através da disposição de participação em qualquer actividade realizada pelo grupo de Educação Física, mostrando-se sempre disponível para auxiliar na organização e concretização das mesmas.

Também no seio do núcleo de estágio o estagiário mostrou-se bastante activo, apresentando aos colegas diversas sugestões e uma grande responsabilidade para com os compromissos assumidos pelo grupo.

Importância do trabalho individual e de grupo

Ao longo do Estágio Pedagógico o estagiário desenvolveu trabalho de forma individual e em grupo.

O facto de o estagiário estar inserido no grupo da disciplina de Educação Física permite desde logo perceber a importância da realização de trabalho de grupo. A este nível foram realizados diversos trabalhos que visavam não só a uniformização e organização do ensino da Educação Física na escola, como também foram analisados os diversos assuntos respeitantes à disciplina, que visavam o aperfeiçoamento dos planeamentos já elaborados e a organização de actividades a realizar.

Um outro grupo onde o estagiário esteve inserido ao longo do ano diz respeito ao próprio núcleo de estágio. A coesão demonstrada entre os elementos constituintes do núcleo permitiu a que todos os estagiários aprendessem e evoluíssem muito mais. Alarcão, I.; Roldão, M. (2008), referem mesmo que “nos relatórios de todos os subprojectos (referentes à formação inicial e contínua) emerge a partilha de experiências e saberes como elemento formativo fundamental”. A partilha de experiências e conhecimentos, a mútua ajuda e a reflexão conjunta sobre os diversos problemas e

sucessos sentidos, foram as principais razões da importância da realização deste trabalho de grupo. A expressão popular “duas cabeças juntas pensam melhor do que uma” reflecte precisamente a importância da realização deste tipo de trabalho, sendo sempre favorecido o trabalho final realizado.

Ainda relativamente ao trabalho de grupo desenvolvido pelo núcleo de estágio, este mostrou-se crucial nas duas actividades realizadas para a comunidade escolar, totalmente organizadas pelos estagiários e com o apoio do professor orientador de escola. O estagiário considera mesmo que sem o excelente trabalho de grupo desenvolvido na organização e concretização de ambas as actividades, o sucesso que estas apresentaram não teria sido tão elevado.

O trabalho individual acarreta também uma grande importância, embora esteja mais associado às tomadas de decisão que o estagiário teve de fazer ao longo do ano. Segundo Albuquerque, A. (2003), o professor é responsável pelo seu desenvolvimento autónomo, flexibilidade da sua prática, toma de decisões necessárias e emissão de juízos, ou seja, é “responsável e protagonista do desenvolvimento do seu próprio conhecimento prático”.

Baseado no seu conhecimento até então adquirido, seja através do trabalho de grupo ou seja através da formação pessoal e individual, o estagiário necessitou de tomar inúmeras decisões ao longo do estágio como por exemplo, nas planificações relativas a todo o processo de ensino aprendizagem da turma e perante as diversas situações com que se deparou nos momentos de aula.

É também bastante importante que o estagiário realize um trabalho individual no que diz respeito à reflexão sobre as suas próprias acções e na busca do novo conhecimento, seja através de formações ou através de consulta bibliográfica, pois um profissional está em constante actualização e formação. Segundo Alarcão, I.; Roldão, M. (2008), “o processo de construção profissional é um processo de autoformação sistemático, numa atenção constante às necessidades próprias e num processo de mudança de posição face ao conhecimento e aos actores de relação educativa”.

Tanto o trabalho de grupo como o trabalho individual apresentam uma grande importância na acção do estagiário que, quando conjugados, apresentam uma melhoria significativa nos diversos trabalhos desenvolvidos e acções realizadas.

Posto isto, este processo de formação inicial de professores que é o estágio pedagógico deve contemplar métodos de trabalho em grupo e individual, para que no próximo confronto com a realidade escolar o estagiário se mostre bem preparado.

Questões dilemáticas

A leccionação da disciplina de Educação Física, dada a sua grande componente prática, apresenta desde logo uma grande diferenciação em relação às restantes disciplinas, o que levou o estagiário por vezes a reflectir em grupo e de forma individual, sobre diversas questões, que nem sempre apresentaram uma única resposta ou conclusão. Alarcão, I.; Roldão, M. (2008), refere mesmo que o “contacto privilegiado com a realidade da prática docente apresenta-se como provocador de questionamentos e pesquisas, mobilizadores de saberes, atribuidor de sentidos a saberes disciplinares anteriormente leccionados”.

Uma das questões que surgiu entre os estagiários logo no início do ano lectivo prendeu-se com qual seria a melhor forma de estruturar o ensino na aula de Educação Física, se um ensino por tarefas ou um ensino por comando. Os estagiários questionaram-se se, em modalidades que exigiam o desenvolvimento de determinados gestos técnicos como a modalidade de voleibol, o ensino por comando não permitiria uma maior evolução do que o ensino por tarefas.

Uma outra questão que surgiu prendeu-se com a planificação dos conteúdos para a abordagem de modalidades colectivas. Os estagiários discutiram se seria mais importante, numa primeira fase de aprendizagem, ensinar aos alunos sobre o modo de jogar a modalidade em causa, ou seja, o modo de organização do jogo, ou se seria mais importante e necessário os alunos desenvolverem o domínio dos diversos gestos técnicos inerentes à modalidade para então depois poderem aprender o modo de jogar.

Também a questão da exequibilidade do Programa Nacional de Educação Física foi discutida pelo grupo de estágio. Embora o grupo de Educação Física já tivesse adaptado o mesmo à realidade escolar, os estagiários sentiram que, em certas modalidades, os objectivos a alcançar pelos alunos ainda se mostraram um pouco exigentes de mais para o nível apresentado, de um modo geral, pelos diversos alunos, sobretudo para os do sexo feminino.

Outras discussões surgiram relativamente ao âmbito da avaliação sumativa. Primeiro os estagiários questionaram-se se o valor atribuído à componente sócio-afectiva, comparativamente com o valor atribuído à componente motora, será justo para os alunos que apresentam grandes dificuldades motoras mas que em contra-partida apresentam um enorme empenho em aula, um grande esforço para evoluírem e um bom comportamento. Esta discussão teve origem em casos vivenciados ao longo do ano de estágio, tendo sido observado alunos que demonstraram muito pouco empenho ao longo das aulas, mas que, nos momentos da avaliação e quando pressionados pelo professor, apresentaram grande facilidade na execução das técnicas a observar, garantindo assim uma boa nota no final do período.

Também relacionado com a avaliação sumativa, os estagiários discutiram sobre os critérios a observar aquando da realização da avaliação. Embora concordassem com a uniformização, a nível escolar, dos critérios de observação para cada nível de aprendizagem, dado proporcionar a igualdade entre os alunos das diversas turmas, os estagiários questionaram-se se a avaliação não deveria apenas incidir sobre os conteúdos abordados até ao momento. Assim, deveria ser atribuída a nota máxima ao aluno que apresentasse como adquirido esses mesmos conteúdos e não apenas o nível de aprendizagem referente aos critérios apresentados. Nas restantes disciplinas, embora o aluno possua outros conhecimentos, no momento de realização do teste escrito, apenas é exigido ao aluno que conheça os conteúdos abordados.

Uma outra questão que surgiu no seio do núcleo de estágio prendeu-se com o nível de exigência que deveria ser assumido aquando da avaliação dos alunos, dado termos percebido que existia uma grande diferença no modo de analisar as competências adquiridas pelos alunos. Esta questão visou criar a igualdade entre as avaliações dos alunos, de modo a que sendo a avaliação realizada por estagiários diferentes, o nível de aprendizagem final atribuído ao aluno seja o mesmo.

Ainda associado ao nível de exigência que deverá ser aplicado na avaliação, foi levantada a questão de como diferenciar, nas grelhas de avaliação que apresentam os diversos critérios a observar, um aluno que realiza um determinado gesto com muita dificuldade e um aluno que apresenta a capacidade de realizar esse mesmo gesto com perfeição? As grelhas de avaliação apenas incidem sobre se o aluno realiza ou não

realiza determinado critério. Se considerarmos a mesma nota para ambos os alunos, não se sentirá injustiçado o aluno que apresenta maiores capacidades?

Uma outra questão levantada, talvez devido à inexperiência dos estagiários, prendeu-se com a postura do professor em aulas que têm como principal objectivo a realização da avaliação sumativa da componente motora dos alunos. Nestas aulas, será mais importante o professor garantir a circulação pelo espaço de aula e acompanhar a prática dos alunos nas diversas tarefas planeadas (ensino por tarefas) ou poderá o professor dispensar essa sua responsabilidade, centrando-se na tarefa onde os alunos serão avaliados, de modo a recolher informações mais precisas e ser mais justo na avaliação? Dependeram assim tanto as aprendizagens dos alunos da instrução do professor nesta aula? Estas questões levantaram-se devido à dificuldade sentida pelos estagiários em garantir o rigor na realização da avaliação e o acompanhamento e instrução dos alunos nas restantes tarefas de aula. Os estagiários sentiram mesmo que, por vezes, aquando da avaliação de modalidades colectivas, nem o próprio tempo definido para a avaliação de cada grupo se mostrava suficiente para observar todos os critérios definidos na grelha de avaliação. Uma vez que a escola exige classificar os alunos, não seria mais justo despende mais tempo e atenção nos momentos de avaliação sumativa, de forma existir o máximo de justiça possível para com os alunos?

Relativamente à planificação dos grupos de aula foi levantada a questão seria melhor para as aprendizagens dos alunos a formação de grupos homogéneos ou heterogéneos. Por um lado a formação de grupos heterogéneos pode permitir que os alunos que apresentem um nível mais elevado de aprendizagem ajudem os colegas de nível mais baixo, mas também é sabido que se formarmos grupos homogéneos poderemos diferenciar um pouco mais o ensino e permitir que os alunos mais avançados, estando juntos, evoluam também mais.

Quanto ao âmbito da diferenciação do ensino, os estagiários questionaram-se sobre a possibilidade da sua realização de modo eficaz em turma constituídas por um grande número de alunos (turmas chegam a ser constituídas por vinte e oito alunos). Em turmas constituídas por um grande número de alunos, por vezes torna-se difícil de o professor, na mesma aula, conseguir distribuir a sua atenção instrução sobre todos os alunos. Esta dificuldade foi sentida pelo estagiário sobretudo na abordagem das modalidades de ginástica, onde tinha de realizar inúmeras ajudas por aula e, devido ao

estilo de ensino utilizado e estratégia de avaliação, por vezes mostrava-se difícil conseguir atender a todas as necessidades dos alunos na mesma aula.

Todas estas questões e suas variadas análises, embora não tenha sido apresentadas respostas concretas, contribuíram de certo modo para o crescimento do conhecimento de cada estagiário.

Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar

A inserção de um grupo de estágio de Educação Física numa escola apresenta, à partida, para a própria escola e para o grupo da disciplina, inúmeras vantagens. Esta observação prende-se com o que se sucedeu este ano com o núcleo de estágio onde o estagiário estava inserido, da escola E.B.2,3 Martim de Freitas de Coimbra.

Foi sentido pelos estagiários que a sua disposição e vontade em participar em todas as envolventes da disciplina, levaram a que estes fossem bem aceites no grupo da disciplina, criando-se desde logo um óptimo clima entre os professores e os estagiários.

O grande impacto do estágio na escola em questão deve-se, em grande parte, à enorme vontade apresentada pelos estagiários em participar, aprender e apresentar também os seus conhecimentos nos mais variadíssimos âmbitos de acção, o que por sua vez pode mesmo motivar os restantes professores do grupo.

Os estagiários participaram assim nas diversas reuniões do grupo disciplinar, tendo mesmo intervindo nas diversas questões abordadas, apresentando o seu parecer relativamente ao assunto em análise, este que foi sempre bem aceite pelo grupo.

Ao longo do ano lectivo os estagiários, além das actividades que organizaram no âmbito da unidade curricular de Projectos e Parcerias Educativas, participaram nas diversas actividades realizadas na escola pelo grupo de Educação Física e chegaram mesmo a acompanhar os alunos a actividades realizadas fora da escola, como a fase regional do corta-mato escolar e no torneio de Tag-Rugby realizado em Penal. Também não menos importante foi o convívio apresentado entre os estagiários e a comunidade escolar nos jogos professores vs alunos.

A questão de o processo ensino-aprendizagem ser todo concretizado pelos estagiários, apresenta também um impacto diferente sobre os alunos em questão,

fazendo-os vivenciar uma nova situação, pois nestas idades eles já diferenciam um pouco um professor estagiário de um outro professor.

Um outro âmbito do impacto causado pela existência de um núcleo de estágio na escola, prende-se com a possibilidade de transmissão de novos saberes entre os estagiários e os professores que apresentam já algum tempo de formação, contribuindo assim para a formação de ambas as partes.

Prática pedagógica supervisionada

“... nos relatórios de todos os subprojectos (referentes à formação inicial e contínua) emerge a partilha de experiências e saberes como elemento formativo fundamental. Se, na formação contínua, esta dimensão se orienta para o trabalho em grupos ou colectivo, na escola, no campo da formação inicial aparece muito referenciado ao apoio de orientadores e de supervisores e à influência do feedback gerado na interacção. ”

Alarcão, I.; Roldão, M. (2008)

Olhando à definição de supervisor apresentada por Alarcão, I.; Roldão, M. (2008), “o supervisor é alguém que influencia o processo de socialização, contribuindo para o alargamento da visão de ensino (para além de mera transmissão de conhecimentos), estimulando o autoconhecimento e a reflexão sobre as práticas, transmitindo conhecimentos úteis para a prática profissional”. É segundo o referido pela autora que se mostra indispensável a prática pedagógica supervisionada num momento de formação como o Estágio Pedagógico. A autora afirma ainda que a “essência da supervisão aparece com a função de apoiar e regular o processo formativo”, neste caso o do estagiário, preparando-o para a actuação em situações complexas, que exigem adaptabilidade, para a observação crítica, para a problematização e pesquisa, para o diálogo, para o desempenho em diferentes papéis e para o autoconhecimento relativo a saberes e práticas.

Ao longo de todo o estágio pedagógico o principal foco de supervisão incidu, não sobre os documentos elaborados pelo estagiário, mas sobre a prática da leccionação das aulas. Todas as aulas leccionadas pelo estagiário foram supervisionadas pelo professor orientador, tendo sido depois realizada, após cada aula, uma reflexão

conjunta sobre a mesma. Nesta análise eram transmitidos ao estagiário inúmeros *feedbacks* por parte do orientador e eram confrontadas as opiniões deste com as do estagiário, contribuindo assim para a sua evolução ao longo do ano.

Visando ainda a evolução do estagiário no âmbito da sua intervenção prática, foi proposto que o mesmo observasse aulas leccionadas pelos colegas de estágio e por outros professores de Educação Física da escola, e realizasse reflexões analíticas e críticas sobre as mesmas, e foi-lhe fomentado, pelo professor orientador, a consulta regular de suporte bibliográfico. Na concretização destas várias estratégias de formação, mostrou-se fundamental mais uma vez a acção do professor orientador (supervisor), onde nas diversas análises reflexivas e partilha de conhecimentos, transmitiu mais uma vez diversos *feedbacks* ao estagiário, segundo a sua observação e os seus saberes.

Segundo Albuquerque, A. (2003), “o professor é aqui considerado como guia, como apoio e como facilitador do processo de desenvolvimento pessoal autónomo, e da aprendizagem do aluno”. Segundo o autor, o orientador de estágio pedagógico mostra-se como um elemento fulcral na formação do estagiário onde se apresenta como “o formador profissional desse professor”, devendo por isso apresentar características como “justo, inspirador de confiança, honesto, compreensivo, exigente, disponível, competente e amigo (Albuquerque, Graça & Januário, 2002b) e que assume a responsabilidade de o conduzir e induzir ao exame reflexivo dos actos pedagógicos e das relações estabelecidas.”

É a conjugação destes diversos princípios que fazem com que o estagiário desenvolva em si um comportamento reflexivo e a constante actualização e procura de novos saberes, que por sua vez contribuem a sua formação e qualidade de actuação como profissional.

Em suma, a importância da prática pedagógica supervisionada prende-se com a qualidade da supervisão, esta que se encontra “relacionada com a capacidade para gerar dinâmicas e processos de crescimento profissional centrados nos próprios alunos”, estagiário, “operacionalizados através de uma atitude reflexiva, questionadora e analítica da acção docente, perspectivada como fonte de conhecimento, devidamente sustentada pelo conhecimentos teórico em que cada aluno, professor em gestação, vai construindo a sua identidade profissional” (Alarcão, I.; Roldão, M. (2008)).

Experiência pessoal e profissional

Ao longo deste ano de formação as experiências a nível pessoal e profissional foram muitas e de diversos âmbitos, dado o estagiário não apresentar qualquer experiência a nível da realização do papel de professor e tendo apenas frequentado a escola como aluno. Este momento de formação do estagiário mostra-se de grande importância, dado ser através da realização do Estágio Pedagógico que se irá realizar a passagem do aluno para professor.

A nível pessoal, o sucesso com que o estagiário conseguiu cumprir todos os seus compromissos levou-o a desenvolver um maior acreditar em si mesmo, ou seja, muitos dos receios iniciais foram ultrapassados com sucesso, tendo contribuído para o aumento da confiança que o estagiário tem em si. Aspectos como a pontualidade, assiduidade, responsabilidade para com os outros, capacidade de iniciativa e tomadas de decisão, capacidade de inovação, capacidade de reflexão e análise, comprometimento para com um grupo, entre outras competências, contribuíram para o desenvolvimento pessoal do estagiário e para a definição do seu carácter e modo de estar. O estagiário destaca mesmo a capacidade de reflexão como uma das capacidades mais importantes desenvolvidas durante este período de formação. Para este sucesso contribuiu a vontade de aprender do próprio estagiário e o apoio sentido ao longo de todo o ano dos colegas de estágio e do professor orientador que, nos momentos de maior necessidade, sempre mostraram disponibilidade e interesse em ajudar.

A nível profissional, como era objectivo, a experiência vivida ao longo do estágio pedagógico contribuiu muito mais para o estagiário do que a nível pessoal. Mais uma vez as inúmeras vivências proporcionaram ao estagiário um enorme leque de aprendizagens. Começando pelo contacto com todo o meio escolar, o estagiário percebeu todo o funcionamento da hierarquia escolar, conhecendo assim as diversas tarefas desenvolvidas por cada funcionário da escola e as formas de procedimento segundo os diversos casos que surgiram. Depois, o comprometimento para com as aprendizagens dos alunos levou a que o estagiário se profissionalizasse, pois foi neste âmbito que foram desenvolvidos todos os conhecimentos do principal papel do professor. Foi através da concretização de todo o trabalho realizado no processo de ensino-aprendizagem que o estagiário desenvolveu e adquiriu os mais variados conhecimentos e capacidades.

Ainda a nível profissional o estagiário percebeu que os conhecimentos adquiridos nos anos de formação anteriores ao estágio são muito importantes para a qualidade de ensino apresentada em aula, desde que estes sejam bem adaptados à realidade com o profissional se depara.

Concluindo, o Estágio Pedagógico proporcionou ao estagiário uma excelente oportunidade de formação, onde este pôde não só adquirir e desenvolver conhecimentos e práticas profissionais, como também competências pessoais e sociais. O estagiário sente ter crescido muito como pessoa e profissional, considerando-se agora preparado para desempenhar a função de um professor eficaz e competente, tendo sempre em atenção a necessidade de realiza uma prática reflexiva e uma formação contínua.

Bibliografia

- ❖ Alarcão, I., & Roldão, M. (2008). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Edições Pedagogo, LDA.
- ❖ Albuquerque, A. (2003). Caracterização das concepções dos orientadores de estágio pedagógico e a sua influência na formação inicial em Educação Física. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto. Porto.
- ❖ Amado, J., Freire, I., Carvalho, E., & André, M. (Janeiro/Abril de 2009). O lugar da afectividade na Relação Pedagógica. *SÍSIFO, Revista de Ciências da Educação, N.º 08, Formação de Professores*, pp. 75-86.
- ❖ Bañuelos, F. (1992). *Bases para una didáctica de la educación física y el deporte*. GYMNOS.
- ❖ Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.
- ❖ Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.
- ❖ Cardinet, J. (1993). *Avaliar é Medir?* Edições ASA.
- ❖ Costa, F. (1983). *A Selecção de Estratégias de Ensino em Educação Física*. ISEF.
- ❖ Costa, F., Carvalho, L., Onofre, M., Diniz, J., & Pestana, C. (1996). *Formação de Professores em Educação Física: Conceção, Investigação e Prática*. Lisboa: Edições FMH.
- ❖ Damas, M., & Ketele, D. (1985). *Observar para Avaliar*. Edições Almedina.
- ❖ Daryl, S. (1998). *Aprender a Enseñar la Educacion Física*. INDE.
- ❖ Documentos de apoio da disciplina de Didáctica da Educação Física e Desporto Escolar, leccionada no 1º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, FCDEF – UC. (2009/2010).

- ❖ Estrela, A., & Nóvoa, A. (1999). *Avaliações em Educação: Novas Perspectivas*. Porto: Porto Editora.
- ❖ Francisco, C. M. (2001). Dissertação de mestrado em Supervisão Pedagógica em Educação Física Escolar apresentada à Fac. de Ciências do Desporto e Educação Física de Coimbra. *Contributos da supervisão para o sucesso do desempenho do aluno no estágio*. Coimbra.
- ❖ Graça, A. (2006). A instrução como processo. *XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física. Revista Brasileira Educação Física e Esporte, São Paulo, v.20*, pp. 169-70.
- ❖ Ilha, F., Marques, M., & Krug, H. (2009). O planeamento e o desempenho dos académicos de Educação Física na sua prática de ensino: um estudo de caso no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. *Congresso de Educação, Arte e Cultura, 2*, pp. 3-4.
- ❖ Januário, N., Rosado, A., & Mesquita, I. (Outubro de 2006). Retenção da informação e percepção da justiça por parte dos alunos em relação ao controlo disciplinar em aulas de educação física. *Revista Portuguesa Ciências Desporto, vol.6, no.3*.
- ❖ Manuel, F., & Pereira, A. *Supervisão e sucesso do desempenho do aluno no estágio*.
- ❖ Ponte, J. (2002). *Investigar a nossa própria prática*. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- ❖ Ribeiro, A., & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ❖ Santos, M. (2007). *Gestão de Sala de Aula, Crenças e Práticas em Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico. Tese de Doutoramento em Psicologia da Educação*. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- ❖ Shiguno, V., & Pereira, V. (1993). *Pedagogia da Educação Física: O desporto Colectivo na Escola, Os componentes Afectivos*. São Paulo: IBRASA.

- ❖ Siedentop, D. (1998). *Aprender a Enseñar la Educacion Física*. INDE.
- ❖ Stenhouse, L. (2004). *La Investigación como base de la enseñanza*. Morata, S.L.
- ❖ Tardiff, J., & Faucher, C. (2010). Um conjunto de balizas para a avaliação da profissionalidade dos professores. In M. P. Alves e Machado (Org.s). *O Pólo de Excelência. Caminho para a Avaliação do Desempenho DIn M. P. ocente* , pp. 32-53.
- ❖ Zeichner, K. (1993). *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. EDUCA.